

O MODERNO MODELO ECONÔMICO CAPITALISTA COMO AGENTE INTERVENTOR NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS CONTEMPORÂNEAS

A representação romântica capitalista exposta em “*Fifty Shades of Grey*” de E. L. James

Cleberson Machado dos Santos

Dissertação de Mestrado em Literaturas e Culturas Modernas

Abril 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Literaturas e Culturas Modernas, área de especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor João Paulo Ascenso Pereira da Silva e coorientação da Professora Doutora Margarida Esperança Pina Reffóios.

“O preço de uma mercadoria é claramente um símbolo cultural de alguma importância e, ao comprá-la e exibi-la conspicuamente, um consumidor transmite uma mensagem àqueles que o rodeiam, uma mensagem que de fato pode equivaler a dizer: ‘vejam como eu sou rico, posso dar-me o luxo deste item muito caro’. Mas produtos e serviços são impregnados de outros significados culturais, notavelmente os relativos às questões de ‘gosto’ e ‘estilo’, e a compra e exibição de um produto ou serviço podem, assim, ter origem em um desejo de transmitir mensagens dessa espécie...”

Colin Campbell

AGRADECIMENTOS

À Virgínia Batista por todo apoio e companheirismo que se descritos não caberiam neste texto.

Aos professores João Paulo Ascenso e Margarida Esperança Pina, meus orientadores, por assim me acolherem como orientado, e por todo conhecimento, carinho que sempre compartilharam e dispensaram a mim.

À professora Iolanda Ramos, por suas orientações, reflexões e conselhos, sempre disposta a receber-me em seu gabinete durante diferentes ocasiões das componentes letivas.

E a todos meus professores, que, em suas respectivas disciplinas, e cujas obras e seminários foram tão relevantes em minha formação e desejo de prosseguimento no cenário acadêmico, meu respeito e admiração a todos.

A presente dissertação “O modelo econômico capitalista como agente interventor nas relações românticas contemporâneas – A representação romântica capitalista exposta em “*Fifty Shades of Grey*” de E. L. James” foi escrita no português do Brasil.

RESUMO

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do plano curricular do Mestrado em Literaturas e Culturas Modernas, área de especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, visando aprofundar o vasto campo do moderno modelo econômico capitalista como agente interventor nas relações românticas contemporâneas, focalizando na representação romântica capitalista exposta em *“Fifty Shades of Grey”* de E. L. James. A pesquisa iniciou-se verificando a historicidade do modelo econômico capitalista, a começar apresentando o feudalismo (precursor do capitalismo), o processo histórico de transição do feudalismo ao capitalismo e suas fases, chegando ao capitalismo contemporâneo e o seu mercado cultural de consumo. Por fim, tendo em vista que na atual sociedade contemporânea as relações românticas se entrelaçam ao capitalismo, verificar o capitalismo como agente interventor nas relações românticas na obra de *“Fifty Shades of Grey”*.

Palavras-chave: Amor romântico. Capitalismo. Consumismo.

ABSTRACT

This dissertation was developed within the scope of the curricular plan of the Master in Modern Literatures and Cultures, area of specialization in English and North American Studies, aiming to deepen the vast field of the modern capitalist economic model as an intervening agent in contemporary romantic relationships, focusing on romantic representation. capitalist exposed in “Fifty Shades og Grey” by EL James. The research began by verifying the historicity of the capitalist economic model, starting with presenting feudalism (precursor of capitalism), the historical process of transition from feudalism to capitalism and its phases, reaching contemporary capitalism and its cultural consumer market. Finally, considering that in the current contemporary society romantic relationships are intertwined with capitalism, to verify capitalism as an intervening agent in romantic relationships in the work of “Fifty Shades of Grey”.

Keywords: Romantic love. Capitalism. Consumerism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O CAPITALISMO COMO AGENTE INFLUENCIADOR CULTURAL E LITERÁRIO	13
1.1 CAPITALISMO	13
1.2 FASES DO CAPITALISMO	19
1.2.1 PRIMEIRA FASE DO CAPITALISMO: CAPITALISMO COMERCIAL (SÉCULO XV – XVIII)	19
1.2.2 SEGUNDA FASE DO SISTEMA CAPITALISTA: CAPITALISMO INDUSTRIAL (SÉCULO XVIII – XIX)	21
1.2.3 TERCEIRA FASE DO SISTEMA CAPITALISTA: CAPITALISMO FINANCEIRO (SÉCULO XX)	24
1.2.3.1 CAPITALISMO TARDIO	31
1.2.4 DIFERENÇA ENTRE AS TRÊS FASES DO CAPITALISMO FASES DO CAPITALISMO	36
1.3 CAPITALISMO INFORMACIONAL	38
CAPÍTULO 2 – O CAPITALISMO COMO AGENTE INTERVENTOR NAS RELAÇÕES CULTURAIS E ROMÂNTICAS	46
2.1 O CAPITALISMO COMO INDÚSTRIA CULTURAL E A ABRANGÊNCIA COMERCIAL DE FIFTY SHADES	46
CAPÍTULO 3 – O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES	

ROMÂNTICAS DE FIFTY SHADES	56
3.1 A AUTORA, SUA OBRA - COMENTÁRIOS	56
3.2 ASPECTOS ROMÂNTICOS – CULTURA DO CONSUMO	61
3.3 ASPECTOS ROMÂNTICOS – MITO E AS PERSONAGENS DE “FIFTY SHADES OF GREY”	68
3.4 O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE FIFTY SHADES	72
3.5 O USO DO EROTISMO EM “FIFTY SHADES OF GREY”	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Em “*Guerra e Paz*”, Liev Tolstói utiliza o cenário histórico das guerras napoleônicas ocorridas em território russo para descrever o viver e conseqüentes influências de tais guerras na história particular de famílias aristocráticas locais, criando um vínculo de suas vidas pessoais com os fatos históricos.

Já Luís Vaz de Camões, em “*Os Lusíadas*”, influenciado pelo período histórico das grandes navegações portuguesas, escreve sua epopeia a qual evoca a história de Portugal, enaltecimento seus descobrimentos, glorificando os feitos do povo português.

Embora nas obras supracitadas as convenções que conduzem as narrativas sejam acontecimentos históricos, de fato, para além da narrativa histórica desencadeada por interferência humana, composições literárias podem ter diferentes atos que as conduzem: cultura social, conflitos armados, eventos naturais, crenças religiosas ou folclóricas, enfim, não é incomum que obras literárias mesmo em narrativas amplamente fantasiosas abordarem contextos reais em suas narrativas.

Com isso em foco, uma questão toma por assalto o leitor contemporâneo: “Quais fatos afetam ou podem afetar a literatura popular moderna?”, ora, essa não é uma pergunta fácil de ser respondida, até mesmo por não haver o distanciamento histórico tão comumente utilizado para verificar pragmaticamente quais fatos foram relevantes ou não para uma composição literária. Desta forma, analisar o presente é complexo, em especial o século XXI, que é caracterizado pelo dinamismo de revoluções industriais, tecnológicas, sociais etc. Assim, em pouco menos de um quinquênio, é possível traçar novas características e cursos de sociedades inteiras, no entanto, mesmo em uma sociedade tão dinâmica quanto a contemporânea, há alguns elementos que podem ser considerados quase que perpétuos,

permanentes, que funcionam como força motriz ou interventora de fatos históricos e comportamentos sociais, assim, chegamos ao modelo econômico capitalista.

O modelo econômico capitalista, ou simplesmente, “Capitalismo” como é comumente citado, é inegavelmente uma característica das sociedades globais contemporâneas, uma vez que são poucas as nações que não o adotam formalmente, assim consequentemente sendo expostas à cultura oriunda do capitalismo, seja por adesão ou até mesmo em repúdio. Satisfeito ou não, o viver do cidadão moderno esta entrelaçado com a cultura econômica de consumo.

Verifica-se há desta forma nesta dissertação, a respeito da interferência do Capitalismo para além do tocante à economia, como já dito, cita-se interferências culturais e consequentes intervenções na percepção de identidade social em especial no campo literário. Obviamente que para um leitor desatento analisar as inferências do capitalismo no contexto literário é uma tarefa impalpável, portanto, é importante elucidar que o objeto de estudo aqui dissertado é a interferência de tal cultura capitalista na composição das relações românticas da obra “*Fifty Shades*” de E. L. James, obra essa escolhida devido o debate social referente a relações românticas que essa obra veio a fomentar, além de seu considerável impacto no mercado editorial e consequentes adaptações cinematográficas.

Por fim, comumente, a escrita de “*Fifty Shades*” é essencialmente analisada por sua narrativa erótica, e descrições de práticas sexuais pouco ortodoxas aos padrões sociais comuns, porém, em busca de ineditismo quanto ao objeto de estudo o presente texto verificará o quanto o capitalismo afeta a perspectiva daquilo que poderá contextualizar como o novo conceito do “amor”.

Objetivo Geral

- Analisar a intervenção do capitalismo nas relações românticas contemporâneas.

Metodologia e estrutura da dissertação

A presente dissertação é enquadrada como pesquisa bibliográfica “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (Fonseca 2002 p. 32). “Por basear-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado” (Sousa; Oliveira *and* Alves 2021).

Quanto à estrutura do trabalho, esta compreende-se em três capítulos, o primeiro intitulado: “Como os clássicos abordam as relações românticas”, divisão que verificará como as relações românticas foram apresentadas na literatura e compreendidas culturalmente, em destaque no ocidente. O capítulo seguinte: “O Capitalismo como agente influenciador cultural e literário” que escasseará tecnicamente a respeito do modelo econômico capitalista, suas fases históricas e econômicas e consequentes impactos culturais sociais. Por fim, o terceiro capítulo: “O capitalismo como agente interventor nas relações românticas na obra *“Fifty Shades of Grey”* de E. L. James, que analisará como o Capitalismo afeta a abordagem da obra em sua composição de personagens e retratação da sociedade contemporânea, além de questionar os objetivos da narrativa quanto ao erotismo, valor literário e impactos comerciais.

CAPÍTULO 1 – O CAPITALISMO COMO AGENTE INFLUENCIADOR CULTURAL E LITERÁRIO

1.1 CAPITALISMO

Maurice Dobb¹, tentando conceituar capitalismo de maneira mais simples possível, afirma que “ele é um sistema em que os utensílios e as ferramentas, edifícios e matérias-primas com que é obtida a produção – capital, numa palavra – são predominantemente de propriedade privada ou individual” (CATANI 2017 p. 17-18).

No decorrer de todo o desenvolvimento da economia mundial estudiosos se dedicaram a averiguar e definir o desenvolvimento do capitalismo perante a economia global. Porém, faz-se necessário maior esclarecimento sobre o que se trata o termo capital.

O conceito mais próximo é o de "riqueza". De forma geral, o objetivo explícito de quem maneja capitais num sistema capitalista é tornar-se rico. No entanto, a riqueza não significa a mesma coisa para o indivíduo e para o país. Tomemos o exemplo de uma pessoa que comprou uma casa a baixo preço, prevendo que a área em que se situa a casa irá sofrer valorização geral. Depois de seis meses a mesma pessoa revende a casa, digamos, pelo dobro do preço. É indiscutível que esta pessoa enriqueceu. Mas do ponto de vista do país, da economia como um todo, houve alguma modificação? É óbvio que não, pois o interessado não construiu nada, não aumentou o patrimônio de riqueza da sociedade. Inversamente, podemos conceber os exemplos são muitos - uma pessoa que empatou o seu dinheiro para construir um prédio, e por uma série de razões acabou perdendo dinheiro, não conseguindo recuperar o investimento

¹ Maurice Dobb era conhecido por sua compreensão erudita da economia marxista, clássica e neoclássica. Ele estudou em Cambridge e Londres. Ele começou a lecionar em Cambridge em 1924 e lá permaneceu até sua aposentadoria em 1967. Seu trabalho sobre o desenvolvimento da Rússia e da União Soviética estabeleceu Dobb como um importante acadêmico. Os estudos de Dobb sobre o desenvolvimento do capitalismo (1946) tiveram uma enorme influência na economia política, na história e na teoria social. Ele teorizou sobre a competição imperfeita e as tendências de instabilidade, estagnação e crise do capitalismo ao longo de sua vida. Suas contribuições para o desenvolvimento e planejamento econômico foram altamente celebradas, e ele foi um dos mais importantes historiadores do pensamento econômico (DESPAIN 2019 p. 623).

inicial. “No entanto, o prédio está aí, e várias famílias poderão viver nos apartamentos construídos. O indivíduo perdeu, a sociedade ganhou” (DOWBOR 1982 p. 3).

Com o conceito de capital pré-definido, busca-se a definição de capitalismo. Para isso, Catani (2017) procura explicar tal conceito destacando duas grandes correntes representadas por Max Weber² (1864-1920) e por Karl Marx³ (1818-1883): A culturalista e a histórica.

Sobre a corrente culturalista, tem por objetivo

explicar o capitalismo através de fatores externos à economia. Para Max Weber, o capitalismo se constitui a partir da herança de um modo de pensar as relações sociais (as econômicas aí compreendidas) legada pelo movimento de Reforma na Europa: do protestantismo de Lutero e mais ainda do calvinismo. A ideia principal neste modo de pensar refere-se à extrema valorização do trabalho, da prática de uma profissão (vocação) na busca da salvação individual. A criação de riquezas pelo trabalho e poupança

² Indiscutivelmente o mais importante teórico social do século XX, Max Weber é conhecido como o principal arquiteto da ciência social moderna, juntamente com Karl Marx e Emil Durkheim. As amplas contribuições de Weber deram um impulso crítico ao nascimento de novas disciplinas acadêmicas, como a sociologia, bem como à significativa reorientação em direito, economia, ciência política e estudos religiosos. Seus escritos metodológicos foram fundamentais para estabelecer a autoidentidade das ciências sociais modernas como um campo distinto de investigação; ele ainda é reivindicado como a fonte de inspiração pelos positivistas empíricos e seus detratores hermenêuticos. Mais substantivamente, as duas contribuições mais celebradas de Weber foram a "*rationalization thesis*", uma grande análise meta-histórica do domínio do Ocidente nos tempos modernos, e a "*Protestant Ethic thesis*," Uma genealogia não marxista do capitalismo moderno. Juntas, essas duas teses ajudaram a lançar sua reputação como um dos teóricos fundadores da modernidade. Além disso, seu ávido interesse e participação na política levaram a uma linha única de realismo político comparável ao de Maquiavel e Hobbes. Como tal, a influência de Max Weber foi de longo alcance através da vasta gama de reflexões disciplinares, metodológicas, ideológicas e filosóficas que ainda são nossas e cada vez mais (STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY 2007).

³ Karl Heinrich Marx (5 de maio de 1818, Trier, Alemanha - 14 de março de 1883, Londres) foi um filósofo, economista político e revolucionário socialista imensamente influente. Embora Marx tenha abordado uma ampla gama de questões, ele é mais famoso por sua análise da história em termos de lutas de classes, resumida na linha de abertura da introdução ao Manifesto Comunista: "*The history of all hitherto existing society is the history of class struggles*" Ao mesmo tempo que Friedrich Engels, Marx participou da luta política e filosófica de sua época, escrevendo o Manifesto Comunista um ano antes das Revoluções de 1848, embora os dois eventos nada tivessem a ver um com o outro. Marx rompeu com seu ambiente universitário, o idealismo alemão e os jovens hegelianos, e participou dos debates do movimento operário europeu, em particular em relação à Primeira Internacional fundada em 1864. Publicou o primeiro volume de *Das Capital* em 1867, alguns anos antes da Comuna de Paris de 1871. É fato bastante conhecido e debatido que a formação do pensamento de Karl Marx passou por momentos distintos e por algumas inflexões. Como é natural em todo grande pensador, a assimilação de novos conhecimentos não ocorreu, em Marx, de forma imediata nem linear. Dos seus primeiros estudos e publicações sobre filosofia até os seus últimos textos econômicos, a trajetória de Marx se apresentou a partir de várias conexões e embates teóricos, metodológicos e políticos. Não foram poucos os pensadores que ele leu e analisou. Também não foram poucas as ideias criticadas e nem foram escassos os autores compreendidos por ele. Quando se analisa, por exemplo, o seu envolvimento com o campo da economia política, essa verve ferina também fica bem explicitada (WELLEN 2020 p. 35).

seria um sinal de que o indivíduo pertence ao grupo dos “predestinados”. O conjunto dessas ideias formaria o fundamento de uma ética, elaborada pela Reforma, que implica a aceitação de princípios, normas para a conduta, que seriam a expressão de uma “mentalidade” e de um “espírito” capitalista. Torna-se evidente nesta concepção do capitalismo a grande importância conferida a fatores culturais. (CATANI 2017 p. 7-8).

Com a Reforma no século XVI ⁴, a relação entre o homem e a religião teve uma grande transformação: o homem começa a desacreditar na “magia” das práticas religiosas e o trabalho passa a ser o meio da obtenção da graça divina. A busca pela riqueza como fruto do trabalho é reconhecida pelos calvinistas como um sinal da benção divina.

Para Weber, a vida do indivíduo deveria ser direcionada exclusivamente para o fim transcendental, a salvação. Mas justamente por este motivo, ela era completamente racionalizada neste mundo, e totalmente dominada pelo objetivo de aumentar a glória de Deus sobre a terra (WEBER 1904 p. 52).

Partindo da premissa de Weber, a vida do indivíduo torna-se "totalmente racionalizada neste mundo e inteiramente dominada por este único objetivo: aumentar a glória de Deus na terra". Ao mesmo tempo, o calvinista, asceta, se abstém de se beneficiar da riqueza acumulada. Ele só pode reutilizar constantemente a riqueza em seu negócio. Pela fé e pela ética, Weber explica assim o surgimento de uma nova classe de empreendedores individuais, o fenômeno da acumulação de riqueza e a extensão da racionalidade na vida empresarial. Livre da magia religiosa, o calvinista busca formas de fazer seu capital crescer e desenvolve o cálculo

⁴ De acordo com o *Musée virtuel du protestantisme*, a Reforma não apareceu primeiro na França, mas na Alemanha. Em 1517, um monge, Martinho Lutero, denunciou os abusos da Igreja Católica Romana em 95 teses que causaram insatisfação. Graças ao desenvolvimento da impressão, as propostas de reforma circularam por toda a Europa. Eles foram prontamente aceitos na França entre os estudiosos que criticavam abertamente a Igreja e defendiam uma leitura renovada do Evangelho. As ideias de Lutero chegaram à corte de Francisco I. Tolerância e repressão se seguiram, mas não impediram a disseminação do protestantismo. Mas as guerras religiosas incendiaram a França e eventos como o sangrento episódio de São Bartolomeu impediram o protestantismo de se espalhar. O rei Henrique IV restaurou a paz com o Édito de Nantes. O maior reformador francês foi Jean Calvin. Ameaçado na França, ele foi forçado a fugir para Genebra, onde passou a maior parte de sua vida. De lá, ele cuidou do destino da nova Igreja Protestante Francesa (MUSÉE DU PROTESTANTISME 2021).

econômico. A empresa racional, apoiada pela criação do direito empresarial, gera então o capitalismo.

Max Weber acrescenta ainda que o capitalismo está presente onde quer que a provisão industrial das necessidades de uma comunidade seja executada pelo método de empresa, pelo estabelecimento capitalista racional e pela contabilidade do capital (CATANI 2017 p. 8). Ou seja, o capitalismo é uma formação socioeconômica baseada na propriedade privada dos meios de produção e na exploração do trabalho assalariado pelo capital (PEREIRA 2019 p. 12).

Já sobre a corrente histórica, define o capitalismo como:

Um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual se chamou Revolução Industrial. Por modo de produção entende-se tanto o modo pelo qual os meios necessários à produção são apropriados, quanto as relações que se estabelecem entre os homens a partir de suas vinculações ao processo de produção (CATANI 2017 p. 8).

Marx apresenta que as antigas relações dominantes do feudalismo, foram transformadas pelo novo fator de capital que, naquela ocasião apresentou um modelo comercial que se fez indispensável a concentração de propriedade dos meios de produção em uma determinada classe social e a existência de outra que opostamente oferece a sua força de trabalho como única forma de subsistência.

Karl Marx considerava o capitalismo um modo de produção historicamente específico (a maneira pela qual a propriedade produtiva é possuída e controlada, combinada com as relações sociais correspondentes entre os indivíduos com base em sua conexão com o processo de produção) em que o capital se tornou o dominante meio de produção. O estágio capitalista de desenvolvimento ou "sociedade burguesa", para Marx,

representava a forma mais avançada de organização social até hoje (MACHADO 2019 v. 49, p. 163).

Para Marx, o próprio uso da força de trabalho tornou-se uma mercadoria sob o capitalismo; o valor de troca da força de trabalho, refletido no salário, é menor do que o valor que ela produz para o capitalista.

Segundo Adam Smit⁵, Marx distinguiu o valor de uso das mercadorias de seu valor de troca no mercado. Ainda segundo Marx, o capital, é criado com a compra de mercadorias com o objetivo de criar mercadorias com valor de troca superior à soma das compras originais (FRANÇA 2012). O próprio uso da força de trabalho tornou-se uma mercadoria sob o capitalismo; o valor de troca da força de trabalho, refletido no salário, é menor do que o valor que ela produz para o capitalista (LUSTOZA 2009). Essa diferença de valores, ele argumenta, constitui mais-valia, que os capitalistas extraem e acumulam.

Segundo Marx, este ciclo de extração da mais-valia pelos proprietários do capital ou da burguesia torna-se a base da luta de classes. No entanto, esse argumento está entrelaçado com a teoria do valor-trabalho de Marx, que afirma que o trabalho é a fonte de todo valor e, portanto, do lucro (FRANÇA 2012).

O capitalismo pode também ser compreendido como um sistema econômico no qual os atores privados possuem e dispõem de propriedade de acordo com seus interesses, e a oferta e a demanda livremente estabelecem preços nos mercados de uma forma

⁵ Adam Smith (1723-1790) foi um filósofo e economista escocês mais conhecido como o autor de “*An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth Of Nations*” (1776), um dos livros mais influentes já escritos. Na época de Smith, as pessoas viam a riqueza nacional em termos do estoque de ouro e prata de um país. A importação de bens do exterior era vista como prejudicial porque significava que essa riqueza deveria ser abandonada para pagar por eles; exportar bens era visto como bom porque esses metais preciosos voltaram. Assim, os países mantiveram uma vasta rede de controles para evitar que essa riqueza metálica se escoasse - impostos sobre as importações, subsídios aos exportadores e proteção para as indústrias domésticas. O mesmo protecionismo reinou em casa também. As cidades impediram que artesãos de outras cidades se mudassem para exercer seu comércio; fabricantes e comerciantes pediram ao rei monopólios protetores; dispositivos que economizam trabalho foram proibidos como uma ameaça aos produtores existentes (ADAM SMITH INSTITUTE 2021).

que possa melhor servir aos interesses da sociedade. A característica mais importante do capitalismo é o incentivo para obter lucro.

De acordo com Jahan e Mahmoud (2015), os princípios básicos do capitalismo consistem em:

- propriedade privada, que permite que as pessoas possuam ativos tangíveis, como terrenos e casas, e ativos intangíveis, como ações e títulos;
- interesse pessoal, em virtude do qual as pessoas realizam ações para alcançar o seu próprio bem, independentemente de pressões sociopolíticas. No entanto, esses esforços descoordenados de indivíduos acabam trazendo benefícios à sociedade, • concorrência, graças à entrada gratuita de empresas para e fora dos mercados, maximiza o bem-estar público, isto é, o bem-estar geral dos produtores e consumidores;
- um mecanismo de mercado que determina os preços de forma descentralizada por meio de interações entre os compradores e vendedores e preços, por sua vez, alocam recursos, que naturalmente vão para a própria área retornos elevados, e não apenas no caso de bens e serviços, mas também no caso de salários;
- liberdade de escolha em relação ao consumo, produção e investimento: clientes insatisfeitos podem comprar outros produtos, investidores podem encontrar negócios mais lucrativos, trabalhadores podem sair para pagar mais locais de trabalho.

A extensão em que esses princípios operam determina várias formas de capitalismo. Em uma economia de livre mercado, também chamada de economia de livre concorrência, os mercados operam com pouca ou nenhuma regulamentação. Em uma economia mista, assim chamada por causa da combinação de mercados e governo, os mercados desempenham um papel dominante papel, mas são mais regulamentados pelos governos para

superar as ineficiências do mercado, como poluição e congestionamento da rede de transporte; promover o bem-estar social; e para outros fins, como defesa e segurança pública.

1.2 FASES DO CAPITALISMO

1.2.1 PRIMEIRA FASE DO CAPITALISTA: CAPITALISMO COMERCIAL (SÉCULO XV – XVIII)

Os primeiros estágios do capitalismo moderno, ou por vezes referido como pré-capitalismo, deram início entre os séculos XVI e XVIII, sendo chamados comumente de capitalismo mercantil e mercantilista (TRINDADE 2021). Tal período também associado às grandes descobertas geográficas e ultramarinas, especialmente Inglaterra e Países Baixos; a colonização europeia das Américas; e o rápido crescimento do comércio exterior.

Vigorou durante a idade Moderna europeia, período em que o poder era exercido pelas monarquias absolutistas que foram as grandes responsáveis pela expansão marítimo comercial. O mercantilismo era a doutrina econômica do capitalismo comercial, nesse período o estado era o responsável pela organização econômica, interferindo em praticamente todas as decisões econômicas do país sendo essa a sua principal característica por isso o mercantilismo também é conhecido como o capitalismo de estado⁶.

Dentre as principais características do capitalismo mercantil, é possível destacar:

- Interferência direta do estado na economia;
- Colonialismo, ou seja, a formação de colônias a qual os europeus pudessem explorar;

⁶ Vale ressaltar que quando é citado o termo estado, refere-se às monarquias. Pois durante o mercantilismo o estado era representado pelo rei, ou como diria o Rei Luís XIV da França: “O Estado sou Eu.”

- Metalismo, ao qual visava a busca por metais preciosos, no caso, o ouro e a prata;
- Balança comercial favorável. Os países europeus objetivavam o acúmulo de capital com comércio, mas para isso funcionar era necessário vender o máximo possível de produtos por preços elevados e comprar o mínimo possível por preços sempre muito baixos;
- Pacto colonial. As colônias só podiam fazer comércio com suas respectivas metrópoles, das quais compravam produtos sempre muito caros e vendiam seus produtos por preços sempre muito baixos. O pacto colonial permitia o enriquecimento das metrópoles enquanto empobrecia e condenava as colônias ao atraso econômico e tecnológico, uma vez que as colônias eram proibidas de desenvolver suas próprias manufaturas;
- Escravidão. Os povos nativos das colônias foram amplamente escravizados, principalmente os negros africanos que foram trazidos para o continente americano, trabalhando para o enriquecimento dos países europeus.

A ideia de “capitalismo mercantil” específico, ou capitalismo comercial, remonta a Marx, que pode ter seguido a sugestão de Adam Smith. Em seu terceiro livro “*The Wealth of Nations*”⁷, Smith atribuiu as cidades, e aos comerciantes em particular, um papel crucial na transformação da economia europeia. Porém, Marx nunca desenvolveu uma teoria do capitalismo mercantil e o conceito tem permanecido aberto a crítica de que não era um modo de produção adequado, precisamente porque o capitalismo mercantil era caracterizado por uma separação do capital comercial e presumivelmente não capitalista de produção (PRAK 2000).

⁷ Foi publicada em 9 de março de 1776, durante o Iluminismo Escocês e a Revolução Agrícola Escocesa. Influenciou vários autores e economistas, bem como governos e organizações. Por exemplo, Alexander Hamilton foi influenciado em parte por *The Wealth of Nations* para escrever seu *Report on Manufactures*, no qual ele argumentou contra muitas das políticas de Smith. Curiosamente, Hamilton baseou muito deste relatório nas ideias de Jean-Baptiste Colbert, e foi, em parte, às ideias de Colbert que Smith respondeu com *The Wealth of Nations*. Muitos outros autores foram influenciados pelo livro e o utilizaram como ponto de partida em seus próprios trabalhos, incluindo Jean-Baptiste Say, David Ricardo, Thomas Malthus e, posteriormente, Ludwig von Mises.

“Durante o período mercantilista a associação que se faz de desenvolvimento é em relação ao excedente de reservas monetárias” (SOUSA 2007).

1.2.2 SEGUNDA FASE DO SISTEMA CAPITALISTA: CAPITALISMO INDUSTRIAL (SÉCULO XVIII – XIX)

O mercantilismo declinou na Grã-Bretanha em meados do século XVIII, quando um novo grupo de teóricos econômicos, liderados por Adam Smith, desafiaram as doutrinas mercantilistas fundamentais das quais a crença de que a quantidade de riqueza do mundo permanecia constante e que um estado só poderia aumentar sua riqueza às custas de outro estado.

O capitalismo comercial provou ser apenas transitório. A forma sucessiva seria distinguida pela difusa mecanização e industrialização de seus processos produtivos, mudanças que introduziram novas tendências dinâmicas no sistema econômico ao mesmo tempo em que transformavam significativamente a paisagem social e física (HEILBRONER *and* BOETTKE 2020).

A industrialização ficou mais aparente com o advento da fábrica e por consequência com o *locus* arquetípico de produção. A empresa individual ainda era pequena, como descrito nas páginas iniciais de *The Wealth of Nations*⁸, a qual apontam os efeitos da divisão do trabalho em uma fábrica de alfinetes de dez homens. Posteriormente, no início do século XIX a crescente mecanização, juntamente com a aplicação da energia hidráulica e a

⁸ Foi publicada em 9 de março de 1776, durante o Iluminismo Escocês e a Revolução Agrícola Escocesa. Influenciou vários autores e economistas, bem como governos e organizações. Por exemplo, Alexander Hamilton foi influenciado em parte por *The Wealth of Nations* para escrever seu *Report on Manufactures*, no qual ele argumentou contra muitas das políticas de Smith. Curiosamente, Hamilton baseou muito deste relatório nas ideias de Jean-Baptiste Colbert, e foi, em parte, às ideias de Colbert que Smith respondeu com *The Wealth of Nations*. Muitos outros autores foram influenciados pelo livro e o utilizaram como ponto de partida em seus próprios trabalhos, incluindo Jean-Baptiste Say, David Ricardo, Thomas Malthus e, posteriormente, Ludwig von Mises.

vapor; o aumento da força de trabalho em uma fábrica de tecidos comum para várias centenas; em meados do século nas usinas siderúrgicas, chegando a vários milhares e, no final do século nas ferrovias estavam na casa das dezenas de milhares (HEILBRONER *and* BOETTKE 2020).

A agência transformadora já estava presente na época de Smith, observável em algumas minas de carvão onde motores movidos a vapor inventados por Thomas Newcomen⁹ bombeavam água para fora dos poços. A difusão e penetração de tais processos de produção acionados por máquinas durante o primeiro quarto do século XIX tem sido tradicionalmente chamada de "a" Revolução Industrial, embora os historiadores de hoje enfatizem a longa germinação da revolução e as muitas fases pelas quais ela passou. Não há dúvida, no entanto, que uma notável confluência de avanços na agricultura, fiação e tecelagem de algodão, manufatura de ferro e design de máquinas-ferramenta e o aproveitamento da força mecânica começaram a alterar profundamente o caráter do capitalismo nos últimos anos do século XVIII e primeiras décadas do século XIX (HEILBRONER *and* BOETTKE 2020).

Com a queda do mercantilismo, surge o liberalismo¹⁰, também conhecido por liberalismo clássico, doutrina econômica que surgiu na Europa no século XVIII. Essa doutrina marca a fase do capitalismo industrial.

O capitalismo industrial, tornou-se possível pela acumulação de vastas quantidades de capital sob a fase mercantil do capitalismo e seu investimento em maquinário. De acordo com Calhoun (2002), a Grã-Bretanha tinha uma grande população de pessoas sem acesso à agricultura de subsistência, a qual precisavam comprar produtos básicos no mercado, garantindo um mercado de consumo de massa. Wood (2017 p. 142–46) acrescenta ainda que o capitalismo industrial, que Marx datou do último terço do século XVIII, marcou o

⁹ Thomas Newcomen (28 de fevereiro de 1663 a 5 de agosto de 1729) foi um ferreiro de Dartmouth, na Inglaterra, que montou o protótipo da primeira máquina a vapor moderna. Sua máquina, construída em 1712, era conhecida como "Máquina a vapor atmosférica".

¹⁰ O termo "liberalismo" padece de um alto grau de polissemia, pois sua formação e maturação como doutrina econômica e ideologia social desenvolveu-se ao longo dos séculos XVII a XX. Esse período de alta ebulição social, política e econômica assistiu ao surgimento do Estado Nação, à ascensão da burguesia, ao surgimento e predominância do mercado como principal instituição política e econômica e à progressiva internacionalização da economia e do comércio (POLANYI, 1957 apud MORAES, 2014, p. 271).

desenvolvimento do sistema fabril de manufatura. “O capitalismo industrial finalmente estabeleceu a dominação global do modo de produção capitalista” (MCLEAN 2009). Nesse contexto,

a classe operária foi fruto específico do capitalismo industrial. À emergência da burguesia industrial ao poder correspondeu ao surgimento da classe operária, que imediatamente assumiu o papel de classe dominada por excelência, ficando marginalizados do novo sistema os trabalhadores rurais e camponeses. (BRESSER-PEREIRA 2011 p. 168).

A doutrina liberalista era defendida pelo movimento iluminista¹¹, a qual criticava as monarquias absolutistas, pregando uma maior liberdade para o cidadão, assim como a liberdade econômica. Como citado anteriormente, o principal teórico da filosofia economista liberalista, o escocês Adam Smith, que entendia que “a principal fonte de riqueza é o trabalho, a distribuição funcional da renda e a fé no liberalismo econômico” (PAULA 2020 p.25).

Para os liberais a liberdade significava ausência do estado, ou seja, a principal característica do liberalismo é a não interferência do estado na economia. Segundo

¹¹ O século XVIII foi o século do Iluminismo. Este pode ser definido como um movimento filosófico-cultural da elite intelectual europeia, que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval. Abarcou inúmeras tendências e, entre elas, buscava-se um conhecimento apurado da natureza, com o objetivo de torná-la útil ao homem. Ou tal como afirmou Falcon (1994), pode ser visto ou como a culminação de um processo, o clímax do Renascimento amparado na Revolução Científica do Século XVII; ou o ponto de partida de uma nova aventura intelectual. As bases do Iluminismo dos setecentos, contudo, foram produzidas por Baruch Spinoza (1632-1677), John Locke (1632-1704), Pierre Bayle (1647-1706) e Isaac Newton (1643-1727). Os pensadores iluministas tinham como ideal a extensão dos princípios do conhecimento crítico a todos os campos do mundo humano. Supunham poder contribuir para o progresso da humanidade e para a superação dos resíduos de tirania e superstição que creditavam ao legado da sociedade feudal. A maior parte dos iluministas associava ainda o ideal de conhecimento crítico à tarefa do melhoramento do Estado e da sociedade. Entre o final do século XVII e a primeira metade do século XVIII, a principal influência sobre a filosofia do iluminismo proveio das concepções mecanicistas da natureza que haviam surgido por influência dos estudos de Galileu Galilei (1564-1642) e que tinha em Newton seu principal expoente. Em suma, pode-se afirmar que esse período foi marcado por tentativas de adaptação do modelo de estudo dos fenômenos físicos para a compreensão dos fenômenos humanos e culturais. A partir da segunda metade do século XVIII, muitos pensadores iluministas passaram a afastar-se das premissas mecanicistas legadas pelas teorias físicas do século XVII, aproximando-se então das teorias vitalistas que eram desenvolvidas pelas nascentes ciências naturais. Teorias sociais e as filosofias da história desenvolvidas na segunda metade do século XVIII, foram fortemente inspiradas pela obra de naturalistas. É dentro desse contexto em que viveu Adam Smith, que fez parte de uma geração de intelectuais de seu país denominados de iluministas escoceses (PAULA, 2020, p.20).

Adam Smith, a economia não precisa de um tutor, uma vez que ela é regida por uma lei natural, “a mão invisível do mercado”, significando assim, que a economia vai se autogerir através da lei da oferta e da procura, ou seja, quanto maior for a oferta de um determinado produto, menor será o seu preço. No entanto quando a procura por um produto for maior do que a sua disponibilidade, seu preço irá ter um aumento. Nesse contexto, o estado deve apenas preocupar-se com a garantia do livre mercado e a livre concorrência, deixando que as empresas privadas prevaleçam na economia.

Em conformidade com os liberais, o livre mercado e a livre concorrência ocasionavam na geração de uma grande disputa entre empresas nas quais para ter sucesso no mercado fazia-se necessário uma boa qualidade de seus produtos juntamente com preços baixos. Por consequência da baixa de preços, acarretavam a formação de maior demanda de mão de obra, reduzindo assim, o desemprego.

A doutrina liberalista teve grande sucesso e perdurou até a grande crise de 1929, a qual deu início ao período que ficou conhecido como a “Grande Depressão”. Essa crise foi causada, entre outros fatores, por uma superprodução das empresas, levando assim a uma baixa vertiginosa dos preços e consequentemente a falência de milhares de empresas.

1.2.3 TERCEIRA FASE DO SISTEMA CAPITALISTA: CAPITALISMO FINANCEIRO (SÉCULO XX)

No final do século XIX, o controle e a direção de grandes áreas da indústria passaram para as mãos dos financistas. Este período foi definido como “capitalismo financeiro”, caracterizado pela subordinação do processo de produção à acumulação de lucros monetários em um sistema financeiro.

As principais características do capitalismo neste período incluíram o estabelecimento de enormes cartéis ou monopólios industriais; a propriedade e gestão da indústria por financiadores divorciados do processo de produção; e o desenvolvimento de um sistema complexo de bancos, um mercado de ações e participações corporativas de capital por meio da propriedade de ações. Cada vez mais, grandes indústrias e terras tornaram-se objeto de lucros e perdas por especuladores. Em uma busca incessante por tais lucros, o capital financeiro investiu fortemente contra o mercado de trabalho e transferiu parte de suas atividades para países onde não existe nenhum tipo de proteção do trabalho, das relações e direitos. Mercados em que as relações laborais eram mais frágeis/precarizadas (FERREIRA *and* VICENTE 2016 p. 137).

Os traços mais característicos do capitalismo "moderno" são os processos de concentração que, por um lado, 'eliminam a livre concorrência' por meio da formação de cartéis e *trusts*, e, por outro lado, leve o capital bancário e industrial a um relacionamento cada vez mais íntimo. Por meio dessa relação ... o capital assume a forma de capital financeiro, sua suprema e mais abstrata expressão. ...O progresso da concentração industrial foi acompanhado por uma crescente coalescência entre banco e capital industrial. (HILFERDING 1985 p. 21-2)

Ao referir-se à capitalismo financeiro, é possível afirmar que o antes liberalismo, foi substituído pelo Keynesianismo. A doutrina econômica Keynesiana tem esse nome pois foi proposta pelo economista inglês John Maynard Keynes, considerado por muitos teóricos, uma das figuras mais notáveis do século XX, pois suas ideias foram adotadas por muitos governos ao redor do mundo com o intuito de livrar os países do período da grande depressão.

A importância de Keynes foi imensamente expressiva, influenciando a criação do *New Deal*, um novo acordo que o ex-presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt adotou para tirar o país da crise que teve início em 1929 (LOURENÇO 2003).

A crise econômica dos anos 1920 e 1930 é terreno fértil para o nascimento de uma nova teoria econômica, voltada às questões sociais como emprego, alimentação e educação, tal seja o Intervencionismo, delimitado no pensamento do economista britânico John Maynard Keynes. O keynesianismo se revela tão importante como modelo econômico que dá suporte ao ideário do Estado de Bem-Estar social, associado geralmente a um arquétipo estatal em que o bem-estar coletivo e individual não somente é premissa teórica, como é inclusive mantido e proporcionado pelo Estado. Revolucionário num momento em que se faziam necessárias medidas urgentes de combate à pobreza e a redução das desigualdades, o keynesianismo tinha nas ações do Estado pré-requisito essencial para a promoção do desenvolvimento.

[...]

O mundo vivia uma fase de grandes transformações no início do século XX, sobretudo pelas novas estruturas que a sociedade de então passava a apresentar, seja pelo fortalecimento dos movimentos sindicais e pelas influências ideológicas socialistas, disseminadas paulatinamente pela então recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, seja pelas demandas populares oriundas do novo formato social emergente. O modelo do Estado Social compreendia uma participação marcante dos organismos e da influência governamental na ordem econômica, indo do planejamento e aplicação de políticas públicas à execução direta destas nos mais variados setores, por meio de empresas estatais. Resultou disto um notável crescimento da estrutura do Estado, além de uma sensível proeminência do Poder Executivo frente aos demais. Era então o Estado quem dava as cartas do jogo, atuando diretamente junto aos diversos segmentos econômicos, fazendo cumprir suas diretrizes por intermédio de um considerável arcabouço normativo. Esta vastidão normativa, ressalte-se, veio posteriormente a inviabilizar o andamento das funções administrativas, ante a impossibilidade prática de se lhes controlar (SOUSA 2007).

As principais ideias de Keynes foram reunidas no livro “*The General Theory of Employment, Interest and Money*” (1936), a qual tornou-se uma espécie de manual ante crise. Para Keynes, o estado deve intervir na economia com o intuito de garantir o *welfare state*¹², ou estado de bem-estar social. Isso significa que para os defensores do Keynesianismo, o estado é quem deve garantir os direitos dos cidadãos, como saúde, alimentação, educação, entre muitos outros benefícios (ARAÚJO 2007).

Em caso de crises econômicas como as de 1929 ou a de 2008¹³ por exemplo, o estado tem o dever de garantir o emprego dos trabalhadores, realizando assim, grandes obras públicas, como estradas, barragens, portos, ou seja, o estado deve gastar com infraestrutura. Nesse contexto, as obras públicas são de suma importância pois têm longa duração e precisam de extensa mão de obra. No momento que ocorre contratações, o indivíduo, até então desempregado, passa a receber novamente remuneração, voltando assim novamente ao mercado de consumo.

¹² De fato, o chamado *welfare state*, que começa a se projetar já no âmbito do Estado Social, se tornando-se uma espécie de vitrine do Estado Democrático Social de Direito. No entanto, trata-se apenas de um dos seus componentes, tendo no passado recente desempenhado um papel essencial para a sua legitimação político-social, mas não chegando necessariamente a constituir-lhe a sua essência. A principal característica do *welfare state*, reside na formulação e aplicação de políticas públicas de amparo social e econômico pautadas por uma orientação “universalista”. Ou seja, no bojo de sociedades de massas, nas quais boa parte da população era constituída por assalariados e pequenos produtores rurais e urbanos, com baixos níveis de remuneração e, eventualmente, arruinados e desempregados em função da destruição provocada pela 2ª. Guerra, políticas fundamentadas em uma solidariedade universalista se mostravam como as mais aptas para angariar ampla legitimidade política – atuando como elemento de contenção em relação aos apelos revolucionários brandidos pelo “socialismo real” (ARAÚJO 2007).

¹³ A crise financeira internacional, originada em meados de 2007 no mercado norte-americano de hipotecas de alto risco (*subprime*), adquiriu proporções tais que acabou por se transformar, após a falência do banco de investimentos Lehman Brothers, numa crise sistêmica. O desenrolar da crise colocou em xeque a arquitetura financeira internacional, na medida em que explicitou as limitações dos princípios básicos do sistema de regulação e supervisão bancária e financeira atualmente em vigor, bem como pôs em questão a sobrevivência de um perfil específico de instituições financeiras. É importante delinear alguns dos principais fatores que transformaram uma crise de crédito clássica em uma crise financeira e bancária de imensas proporções. Numa crise de crédito clássica, o somatório dos prejuízos potenciais (correspondente aos empréstimos concedidos com baixo nível de garantias) e sua distribuição já seriam conhecidos, enquanto na atual configuração dos sistemas financeiros, os derivativos de crédito e os produtos estruturados lastreados em crédito imobiliário replicaram e multiplicaram tais prejuízos por um fator desconhecido e redistribuíram, globalmente, os riscos deles decorrentes para uma grande variedade de instituições financeiras. As incertezas sobre a efetiva situação dos balanços dessas instituições levaram a um congelamento dos mercados interbancários, expresso em spreads extremamente elevados. Como as maciças injeções de liquidez das autoridades monetárias, que foram flexibilizando suas exigências e passaram a aceitar praticamente todo e qualquer colateral como garantia, não foram capazes de reverter esse processo de “empocamento da liquidez” em escala mundial (FARHI *et al.* 2009 p. 135).

Outra forma eficaz de geração de renda é a concessão de empréstimos a juros baixos juntamente à redução de impostos, fazendo desta forma, que ocorra a queda do valor final de itens ofertados por empresas. Assim, ocorrerá um efeito cascata, a qual irá haver a compra de mais itens; com a alta procura faz-se necessário a contratação de novos trabalhadores para fabricar os produtos ou atender os consumidores no comércio, reduzindo assim o desemprego.

A doutrina keynesiana foi largamente utilizada até a década de 1970 quando a grande crise do petróleo motivou mais uma vez a mudança do padrão econômico de grande parte dos países do mundo surgindo assim o neoliberalismo.

Se a ascensão do neoliberalismo pode ser comparada à do liberalismo do século XIX, a teoria liberal contemporânea não parece seguir o padrão do século XIX: a vez do liberalismo social. Esta foi uma resposta à crítica socialista, mas também um esforço para promover a realização mais completa dos valores liberais. ... O repensar atual dos valores liberais não se concentra na questão central, mas é impulsionada por uma série de desenvolvimentos diferentes nas sociedades contemporâneas. Este repensar pode eventualmente cristalizar em uma concepção mais ampla do liberalismo, para a qual o termo atualmente em alta “inclusão” pode fornecer um rótulo apropriado, mas nesta fase é necessário ter cautela com impressões prematuras e únicas sobre este conjunto diversificado de ideias. (RICHARDSON 2001 p. 45)

[...]

Em lugar de ideologia, os neoliberais têm conceitos. Gastar é ruim. É bom ter prioridades. É ruim exigir programas. Precisamos de parcerias, não de governo forte.

Falem de necessidades nacionais, não de demandas de interesses especiais. Exijam crescimento, não distribuição. Acima de tudo, tratem do futuro. Repudiem o passado. Ao cabo de pouco tempo essas ideias neoliberais começam a soar como combinação aleatória de palavras mágicas (DRAIBE 1993 p. 86).

O estudo dos antecedentes históricos do neoliberalismo se faz necessário tanto porque a doutrina neoliberal resgata princípios do liberalismo clássico, como por ter seu surgimento confrontado com a teoria econômica keynesiana que representa outra tendência ideológica (ARCHELA 2016). Parte do mercado como a realidade empírica central e elabora a partir dele sua postura teórica fundamental. Isto significa dizer que lhe constrói suas categorias teóricas básicas a partir de uma “projeção ao infinito” desta realidade empírica de base, que é o mercado (OLIVEIRA 1994 p. 11-2).

As bases teóricas dessa doutrina econômica foram estabelecidas em uma reunião que ocorreu nos Estados Unidos em 1989, que ficou conhecida como consenso de Washington. As ideias do Consenso de Washington ¹⁴ foram propagadas pelo mundo, principalmente pelo Fundo Monetário Internacional mais conhecido como FMI e pelo Banco Mundial.

O neoliberalismo apresenta três características fundamentais:

- O estado mínimo. A atuação do Estado deve limitar-se apenas em áreas onde iniciativa privada não pode atuar, exemplo a polícia ou sistema judiciário. No neoliberalismo o estado deve reduzir gastos com serviços sociais como educação e saúde mantendo

¹⁴ Em novembro de 1989, os governos conservadores, diretores executivos e representantes das instituições financeiras internacionais, ministros da Fazenda, presidentes de bancos centrais e representantes dos governos das economias em desenvolvimento reuniram-se em Washington, a fim de procederem a uma avaliação da economia dos países tomadores de empréstimos, que apresentavam resultados insuficientes segundo lógica de acumulação de capitais. E, para fundamentar suas convicções, contaram com a publicação da obra *Rumo à Retomada do Crescimento Econômico na América Latina* (1986), de Bela Balassa, pelo Instituto de Economia Internacional, essencial na definição dos rumos da economia nos anos seguintes. Durante a reunião, os integrantes afirmaram a necessidade de reformas estruturais, de aplicação de um plano de estabilização econômica, e ratificaram a proposta neoliberal como condição para conceder novos empréstimos aos países periféricos. Para expressar as convicções desses senhores do capital, John Williamson elaborou o modelo de reforma a ser aplicado pelos governos nacionais, devedores aos organismos financeiros e credores internacionais. O documento conhecido como Consenso de Washington (KUCZYNSKI and WILLIAMSON 2004 p. 285) efetivamente imprimiu o modelo neoliberal de desenvolvimento econômico a ser implementado pelos governos nacionais nas décadas seguintes (SILVA 2005 p. 255–264).

sempre os gastos públicos sob controle. No entanto uma vez que o estado iria gastar menos com serviço, ele poderia reduzir a carga tributária, ou seja, menos impostos.

- A privatização. O Estado deve vender as empresas públicas. Segundos neoliberais, administração pública é sempre menos eficiente do que a administração privada, pois a privatização promove no mercado uma maior concorrência, melhorando a qualidade dos produtos e dos serviços, também promovendo uma redução dos preços. Acredita-se também que haja uma grande redução da corrupção que ocorre quase que em sua totalidade devido à participação do poder público no mercado através justamente das empresas estatais;
- O livre mercado. Significa que o estado não deve intervir na economia, basicamente o estado deve ser o garantidor da livre concorrência e da livre iniciativa. Em outras palavras o estado deve facilitar o comércio entre as empresas mesmo que as empresas em questão estejam em outros países, ou seja, o estado deve reduzir e se possível eliminar as barreiras que dificultam comércio a principal barreira existente são as elevadas taxas de impostos cobrados pelos governos.

Logo, Torres (2017) aponta que,

a evolução do neoliberalismo enquanto programa político ganhou corpo à medida em que duas das maiores potências econômicas globais à época – Estados Unidos da América e Reino Unido – passaram a ser governadas respectivamente pelos ultraliberais Margaret Thatcher, em 1979, e Ronald Reagan, em 1981. Juntos, estes países passaram a liderar a agenda deste movimento político-intelectual, fazendo com que o ambiente político global sofresse uma guinada liberal conservadora brusca e duradoura (PEREIRA 2013). Como demonstra um dos discursos de Reagan: As sociedades que alcançaram o maior e mais espetacular progresso econômico no tempo mais rápido não foram as maiores nem as mais ricas em termos de recursos; nem certamente foram eles os mais controlados. O que essas sociedades têm em comum é a confiança na magia do mercado. Milhões de indivíduos que tomam suas próprias

decisões no mercado sempre alocarão os recursos de uma maneira melhor do que qualquer processo de planejamento do governo centralmente planejado. (Discurso de Ronald Reagan na Reunião Anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em 1981).

O comportamento entusiasta destes líderes em relação à “mágica do mercado”, era complementada, simultaneamente, por uma argumentação fatalista, sob o lema de que “não há alternativa” (*“there is no alternative”* - TINA). Como será visto na próxima sessão, ao não encontrar uma oposição sistemática na crítica social na década de 1980, e valendo-se da frágil conjuntura econômica da época, a ideia determinista de que não haveria outra opção para fugir da crise e retomar o desenvolvimento, senão o neoliberalismo, foi implantada em todas as esferas sociais para justificar o direcionamento das políticas de austeridade implementadas.

1.2.3.1 CAPITALISMO TARDIO

O período denominado como capitalismo tardio é marcado pela expansão do processo de acumulação – possível porque houve uma elevação da taxa de lucro, mas que tornou as contradições internas do modo de produção capitalista ainda mais agudas (SILVA 2012)

O capitalismo tardio (*Spätkapitalismus*) é um conceito econômico e, ao mesmo tempo, uma versão da teoria neomarxista, descrevendo o estágio final do capitalismo. A introdução deste conceito, e o desenvolvimento de seus valores fundamentais básicos é creditado ao sociólogo e economista alemão Werner Sombart¹⁵ em sua obra *Der Moderne Kapitalismus*, publicado de 1902 a 1927. Em obras subsequentes, Sombart dividiu o capitalismo em diferentes estágios:

¹⁵ Werner Sombart, (nascido em 19 de janeiro de 1863, Ermsleben, Saxônia, Prússia - morreu em 18 de maio de 1941, Berlim, Alemanha), economista histórico alemão que incorporou princípios marxistas e teorias nazistas em seus escritos sobre o capitalismo. Inicialmente um defensor do marxismo, Sombart tornou-se cada vez mais conservador e antimarxista. No entanto, seus trabalhos históricos sobre a classe e a evolução da sociedade, mais notavelmente *“Der moderne Kapitalismus”*, mostram a influência da ideologia marxista, em particular na sua abordagem metodológica.

1. Sociedade protocapitalista do início da Idade Média a 1500 d.C.;
2. Capitalismo inicial em 1500-1800;
3. O apogeu do capitalismo (Hochkapitalismus) de 1800 à Primeira Guerra Mundial;
4. Capitalismo tardio (Spätkapitalismus) desde então.

Esse último tem sido usado para denotar o absurdo, as contradições, as crises, as injustiças e as desigualdades geradas pelo desenvolvimento dos negócios modernos. De acordo com Chaloupek et al. (1996 p. 386), Sombart identifica três fatores principais que se enquadram no conteúdo o conceito de "capitalismo tardio":

1. Transformações territoriais (Territoriale Wandlungen);
2. Transformação de forma (Gestalts Wandlungen);
3. Transformação da área (Bereichs Wandlungen).

O fator de transformações territoriais, segundo Sombart, está baseado no fato de que o capitalismo continuará a se espalhar para os países e continentes onde a industrialização ainda não ocorreu. No entanto, alguns países capitalistas da Europa contribuirão com muito menos para o crescimento do capitalismo através da exportação de capital, uma vez que a taxa de acumulação e arrecadação de capitais na própria Europa despencará (CHALOUPEK 1996 p. 386).

As tendências no desenvolvimento do capitalismo tardio atribuídas à “mudança forma”, é atribuída pela crescente concentração de capital, ou seja, o aumento da monopolização de produção e dos mercados. Sombart acreditava que o poder de monopólio por si só não deve afetar adversamente a economia em crescimento, mas deve ser considerado como um meio de máxima racionalidade referente à produção. Sombart percebeu esses fatores não

apenas como consequência da mudança nas estruturas econômicas, mas como resultado lógica interna do desenvolvimento do capitalismo (CHALOUPEK 1996 p. 386).

Ao descrever as "transformações da área", Sombart identifica três setores, cada um dos quais representa um sistema econômico diferente. O setor de capital adicional, que consiste em agricultura, artesanato e pequenos negócios, expandirá sua participação. Internamente, no entanto, esse setor está otimizando cada vez mais seus métodos de produção e se tornando mais capitalista (AZEVEDO 1985). O setor capitalista continuará a dominar amplos setores da economia, especialmente em áreas que ainda estão passando por rápida transformação tecnológica (SICSÚ and CASTELAR 2009). Mas o capitalismo perderá gradativamente sua posição dominante, mudando sua natureza no sentido de que se tornará "estável", de que seu desenvolvimento será mais calmo e equilibrado. A terceira área, chamada de sistema pós- capitalista, se expandirá lentamente para o setor capitalista. Empresas monopolizadas e cartelizadas que esgotaram seu potencial de racionalização podem ser socializadas sem perder eficiência e produtividade (CHALOUPEK 1996 p. 386).

Economistas, incluindo Joseph Schumpeter¹⁶ e Paul Samuelson¹⁷, acreditavam também que o fim do capitalismo poderia estar próximo, pois os problemas econômicos poderiam ser intransponíveis.

¹⁶ Joseph Schumpeter é conhecido por suas contribuições teóricas para a ciência econômica contemporânea. Por mencionar em seus trabalhos a inovação como meio para alcançar o desenvolvimento econômico (descrito como alteração do estado de equilíbrio econômico), o autor é também amplamente citado quando o assunto é inovação e empreendedorismo. Schumpeter, em suas obras descreve que as inovações são fatores preponderantes para a alteração no estado de equilíbrio de uma economia. Assim, é descrito que uma inovação não necessariamente deve ser radical, podendo ser apenas alteração nos arranjos comerciais. Toda introdução de inovação no sistema econômico é chamado por Schumpeter de "ato empreendedor": Uma nova matéria-prima, uma introdução de um novo produto no mercado, um novo modo de produção, um novo modo de comercialização de bens e serviços ou até uma quebra de monopólio. Assim, essas são ações realizadas pelo "empresário empreendedor", visando a obtenção de "lucros extraordinários". O chamado lucro extraordinário é o que o autor descreve não como a simples remuneração sobre o capital investido, mas o rendimento acima da média do mercado. Entre as obras mais famosas do autor, estão: "*A natureza e a essência da economia política*" (1908); "*Teoria do desenvolvimento econômico*" (1911); "*Ciclos econômicos*" (1939); e "*História da análise econômica*" (1954, publicação póstuma) (SILVA 2019).

¹⁷ Foi agraciado com o Prêmio David A. Wells em 1941 pela Universidade de Harvard e a Medalha John Bates Clark pela *American Economic Association* em 1947, como o economista vivo com menos de quarenta anos "que fez a mais distinta contribuição para o corpo principal do pensamento econômico e conhecimento". Nesta era de especialização, às vezes me considero o último 'generalista' em economia", escreveu Paul Anthony Samuelson,

Outro nome de grande relevância para o capitalismo tardio é Fredric Jameson.

Jameson publicou extensamente sobre o fenômeno do pós-moderno durante os anos 1980. Seu primeiro escrito sobre o assunto data de 1982, o ensaio Pós-modernismo e sociedade de consumo, e sua posição adquiriu ressonância com a publicação, na revista *New Left Review*, do artigo A lógica cultural do capitalismo tardio (1984), embrião do seu livro Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio (1991). Pode-se dizer que alguns passos principais foram tomados por Jameson até a consolidação de sua formulação original sobre o tema:

1. o diálogo crítico com o conceito vigente de pós-modernismo;
2. sua hipótese de compreensão deste como um conceito de periodização histórica;
3. sua identificação dos principais sintomas e traços constitutivos da vida social pós-moderna e a constante defesa da perspectiva da dialética e da totalidade (MARCELINO 2007).

Em sua obra *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, Jameson (1991), aponta os novos elementos que o pós-modernismo adiciona à versão da Escola de Frankfurt do capitalismo tardio que incluem:

- Novas formas de organização empresarial (multinacionais, transnacionais) além do estágio de monopólio. O conceito de Lenin do "estágio de monopólio" do capitalismo agora se expande além de qualquer fronteira nacional;

professor de economia do *Massachusetts Institute of Technology*, “ com interesses que vão desde a economia matemática até o jornalismo financeiro atual. Meus verdadeiros interesses são pesquisa e ensino ... ”Seu trabalho em teoria econômica tem sido em economia de bem-estar moderna, programação linear, economia keynesiana, dinâmica econômica, teoria do comércio internacional, escolha lógica e maximização. Em termos de filosofia econômica, o professor Samuelson se autodenomina "um economista 'moderno' ... na ala direita dos economistas do New Deal democrático" (THE NOBEL PRIZE 2021).

- Internacionalização dos negócios para além do modelo imperial mais antigo; na nova ordem do capital, as corporações multinacionais não estão vinculadas a nenhum país, mas representam uma forma de poder e influência maior do que qualquer nação. Essa internacionalização também se aplica à divisão do trabalho, tornando possível a exploração continuada de trabalhadores de países pobres em apoio ao capital multinacional. Jameson se refere à fuga da produção para áreas avançadas do Terceiro Mundo;
- Uma nova dinâmica vertiginosa na banca internacional e nas bolsas de valores (incluindo a enorme dívida do Segundo e do Terceiro Mundo)" . Por meio dessa estrutura bancária, as corporações multinacionais do Primeiro Mundo mantêm seu controle sobre o mercado mundial;
- Novas formas de inter-relacionamento da mídia. A mídia constitui um dos novos produtos mais influentes do capitalismo tardio (imprensa, internet, televisão, cinema) e um novo meio para o controle capitalista de nossas vidas. Por meio da midiaticização da cultura, tornamo-nos cada vez mais dependentes da versão midiática de nossa realidade, uma versão da realidade que está predominantemente repleta de valores capitalistas;
- Computadores e automação. Os avanços na automação dos computadores permitiram um nível sem precedentes de produção em massa, levando a margens de lucro cada vez maiores para as empresas multinacionais;
- Obsolescência planejada. Como diz Jameson, a urgência econômica frenética de produzir novas ondas de produtos que parecem cada vez mais novos (de roupas a aviões), a taxas de rotatividade cada vez maiores, atribui agora uma função e posição estrutural cada vez mais essenciais à inovação e experimentação estética;
- Dominação militar americana. Como escreve Jameson em *Postmodernism*, toda essa cultura pós-moderna global, embora americana, é a expressão interna e superestrutural

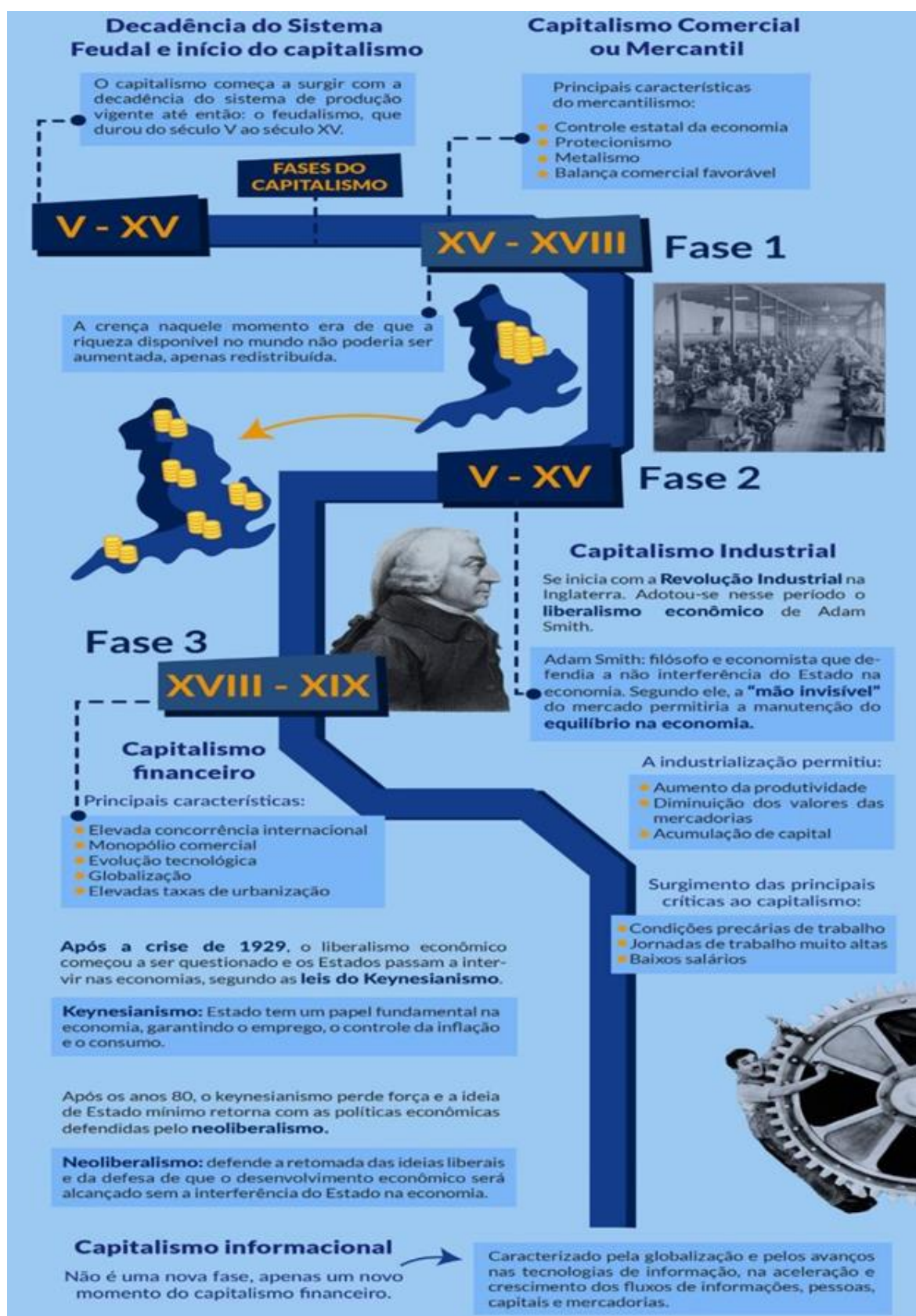
de toda uma nova onda de dominação militar e econômica americana em todo o mundo: neste sentido, como em toda a história de classe, o lado inferior da cultura é sangue, tortura, morte e terror”.

Alguns sinônimos para capitalismo tardio incluem: capitalismo multinacional, capitalismo da mídia, e até o próprio pós-modernismo. Jameson, entretanto, rejeita o sinônimo de "sociedade pós-industrial" porque esse termo sugere que o que estamos vendo é uma ruptura radical com as formas de capital que existiam no século XIX (e, portanto, por implicação, uma ruptura com a compreensão de Karl Marx do capital). Jameson está mais interessado em perceber uma continuidade de formas anteriores de sociedade industrial (mesmo quando ele reconhece as diferenças) e em afirmar a relevância contínua das teorias de Marx.

1.2.4 DIFERENÇA ENTRE AS TRÊS FASES DO CAPITALISMO

Como mostrado no Infográfico 1, cada uma das doutrinas econômicas surgiu para contestar a doutrina vigente. Foi o caso do liberalismo clássico que contesta o mercantilismo; o keynesianismo que contestou o liberalismo clássico; e o neoliberalismo que contesta o keynesianismo.

Infográfico 1: A origem e as fases do capitalismo



Fonte: POLITIZE. A origem do sistema capitalista. 5 dez. 2018. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/sistema-capitalista-origem/>

1.2.5 CAPITALISMO INFORMACIONAL

No final do século XX um novo paradigma tecnológico cria novas possibilidades e altera os processos da economia, política, relações sociais e culturais. Falar de um novo mundo não é exagero já que as mudanças vivenciadas na atualidade fazem emergir uma nova configuração resultante das interações, também novas, entre as diferentes dimensões das atividades humanas. As maneiras de fazer e mesmo de ser e pensar da humanidade - em constante mutação - são alteradas pela evolução tecnológica. O primeiro aspecto a se destacar desta nova era é que esta revolução tecnológica está centrada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Isso faz com que as fontes de produtividade - informação e conhecimento - sejam, ao mesmo tempo, o produto gerado, pois a finalidade do desenvolvimento tecnológico, passa a estar centrado na produção de novos conhecimentos e informação (SANTOS 2004 p. A05).

Uma das primeiras contribuições para a compreensão acadêmica do papel da informação em economias capitalistas é o estudo do economista americano Fritz Machlup realizado no ano de 1962 “*The Production And Distribution Of Knowledge In The United States*”.

Machlup introduziu o conceito da "indústria do conhecimento" e argumentou que, já na década de 1950, uma grande proporção do Produto Nacional Bruto (PBI) dos Estados Unidos foi baseado em setores intensivos em conhecimento, como educação, pesquisa e desenvolvimento, mídia de massa, tecnologias da informação.

Enquanto escritores como Machlup¹⁸ e Drucker¹⁹ foram os primeiros defensores da ideia de que o conhecimento estava se tornando mais central para o capitalismo,

¹⁸ Fritz Machlup (Wiener Neustadt, Áustria, 15 de dezembro de 1902 – Princeton, Nova Jersey, 30 de janeiro de 1983), professor e economista conhecido internacionalmente. Ele foi professor de economia na Universidade de Nova York e professor emérito da Universidade de Princeton. Durante sua longa carreira, ele foi um dos principais contribuintes para a teoria econômica geral e internacional. Seu trabalho variou desde a análise de monopólios, oligopólios e cartéis até críticas às taxas de câmbio internacionais e tornar o ouro como padrão. Ele foi um dos primeiros economistas a reconhecer e tratar o conhecimento como um recurso econômico.

¹⁹ Peter Drucker (1909-2005) foi um consultor administrativo, analista financeiro, professor, jornalista e escritor austríaco. Foi considerado um dos maiores especialistas em Administração Moderna. Foi consultor especializado em estratégia e política para as empresas e instituições sem fins lucrativos. Trabalhou com várias das maiores corporações, com empreendimentos e empresas de pequeno porte, com universidades, hospitais e serviços comunitários, com órgãos do Governo norte-americano, do Canadá, do Japão, entre outros países. influenciou um grande número de líderes e de organizações em todos os setores da sociedade. Tornou a “gestão” uma disciplina respeitada e acessível. Na sua visão, a gestão é uma disciplina prática e humanista. É uma arte que se abastece de

a maioria dos analistas hoje argumentam que a informação o capitalismo como tal começou a evoluir do capitalismo na década de 1970, quando o computador e a tecnologia começaram a entrar em residências e escritórios economicamente e tecnologicamente avançados nações. Com essa tecnologia, surgiu uma nova classe de "*symbolic analysts*" (BELL 1976), que foram capazes de implementar e tirar proveito dessas tecnologias em muitas áreas dentro de empresas capitalistas, no governo, na educação e até mesmo em domicílio (IGNATOW 2017).

Em seu livro de 1973 "*The Coming of Post-Industrial Society*", Daniel Bell²⁰ descreveu os padrões sociais associados a uma emergente forma de sociedade capitalista que se baseava economicamente em serviços ao invés de indústrias de produção, em que "a maioria da força de trabalho não está mais envolvida na agricultura ou manufatura, mas em serviços, que são definidos, residualmente, como comércio, finanças, transporte, saúde, recreação, pesquisa, educação e governo" (BELL 1976 p. 15).

Santos (2004 apud CASTELLS 1999 p. 110-1) aponta que o modo de desenvolvimento informacional:

não se confunde com o modo de produção, que continua sendo capitalista. Na perspectiva apresentada por Castells a noção de que esta nova configuração substitui a sociedade industrial pela informacional é equivocada: "Assim, a mudança do industrialismo para o informacionalismo não é o equivalente histórico da transição das economias baseadas na agropecuária para as industriais e não pode ser

ciências como a Economia, Psicologia, História, Matemática, Teoria Política e Filosofia. Drucker foi aclamado pela *Business Week* como o homem que inventou a gestão. A primeira obra de Drucker foi "*The End of Economic Man*", publicada em 1939. Escreveu um total de 39 livros, junto com inúmeros artigos acadêmicos. Entre seus livros destacam-se: "*A Sociedade Pós-Capitalista*" (1993), "*Administrando em Tempos de Grandes Mudanças*" (1995) e "*Desafios Gerenciais para o Século XXI*" (1999).

²⁰ Daniel Bell, (nascido em 10 de maio de 1919, Nova York, EUA - morreu em 25 de janeiro de 2011, Massachusetts), sociólogo e jornalista americano que usou a teoria sociológica para reconciliar o que ele acreditava serem as contradições inerentes às sociedades capitalistas. A extensa produção de Bell reflete sua preocupação com as instituições políticas e econômicas e as maneiras como elas moldam o indivíduo. Entre seus livros estão: "*Marxian Socialism in the United States*" (1952; reimpresso 1967), "*The End of Ideology: On the Exhaustion of Political Ideas in the 1950s*" (1960), "*The Radical Right*" (1963), "*The Reforming of General Education*" (1966), "*The Coming of Post-Industrial Society*" (1973) e "*The Cultural Contradictions of Capitalism*" (1976), que tentam definir a relação entre ciência, tecnologia e capitalismo. Suas opiniões sobre o não-conformismo na sociedade contemporânea são expressas em "*The Winding Passage*" (1980). Seu trabalho gerou polêmica sobre os preconceitos ideológicos entre os principais estudiosos da disciplina de sociologia.

equiparada ao surgimento da economia de serviços. Há agropecuária informacional, indústria informacional e atividades de serviços informacionais que produzem e distribuem com base na informação e em conhecimentos incorporados no processo de trabalho pelo poder cada vez maior das tecnologias da informação. O que mudou não foi o tipo de atividades em que a humanidade está envolvida, mas sua capacidade tecnológica de utilizar, como força produtiva direta, aquilo que caracteriza nossa espécie como uma singularidade biológica: nossa capacidade superior de processar símbolos".

[...] O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre as inovações e seu uso". (CASTELLS 1999 p. 50-51).

[...] É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações tecnológicas, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas" (CASTELLS 1999 p. 25).

Em vez disso, as tecnologias infiltraram-se em praticamente todas as indústrias e setores governamentais ou não. O mais proeminente teórico desta recente fase de desenvolvimento do capitalismo da informação é Manuel Castells, que argumenta que a tecnologia da informação levou a uma nova "lógica de rede" da organização social, a culminação de uma tendência histórica em que as principais funções e processos das nações avançadas são cada vez mais organizado em torno de redes a quais constituem uma nova morfologia social e a difusão da lógica de rede modifica substancialmente a operação e resultados em processos de produção, experiência, poder e cultura (CASTELLS 2000 p. 500).

A transição para o capitalismo da informação afetou o crescimento econômico e social desigualdade em todo o mundo, padrões alterados de migração e crescimento urbano, tiveram uma grande influência sobre vida familiar e mudou a forma como os governos interagem com seus cidadãos. Essas consequências do capitalismo da informação são discutidas por Ignatow (2017) da seguinte forma:

- Crescimento econômico. A transição do capitalismo industrial para o capitalismo da informação é amplamente vista como tendo contribuído positivamente para o crescimento econômico por meio de aumentos na velocidade e eficiência das transações econômicas e elevando a produtividade do trabalhador. No final da década de 1990, a maioria dos mercados de ações mundiais se converteram em formatos de negociação totalmente eletrônicos; bilhões de dólares foram sendo transacionado através das fronteiras nacionais instantânea e eletronicamente; a eficiente tecnologia de comunicação, e-mail em particular, tornou-se comum para uma grande parte da população mundial. O resultado foi uma aceleração do crescimento da produtividade de trabalhadores e das economias industriais avançadas em geral;
- Desigualdade social. O capitalismo da informação é caracterizado pela aceleração do crescimento econômico com base no aumento da produtividade do trabalhador. É também caracterizado por um aumento socioeconômico e desigualdade dentro e entre as nações, e por novos padrões de desigualdade com base no conhecimento: a chamada “divisão digital”. A revolução da tecnologia da informação provou ser “habilidade-tendenciosa”, recompensando aqueles com educação e habilidades cognitivas que estão mais bem posicionados para assumir vantagem da mudança tecnológica. O capitalismo da informação levou a um declínio acentuado na demanda por trabalhadores menos qualificados. Por praticamente todas as medidas, a desigualdade de renda em nações

industrializadas aumentaram drasticamente desde o final da era do capitalismo industrial, resultando em um esvaziamento das classes médias de ambas as nações industrializadas avançadas e nações em desenvolvimento (PARAYIL 2005 p. 41). Em vez de trabalhar em fábricas sindicalizadas, os trabalhadores estão cada vez mais resignados com o trabalho do setor de serviços que oferecem poucos benefícios ou oportunidades de avanço. No nível da empresa, o capitalismo da informação recompensa as empresas intensivas em conhecimento que se especializam em computadores, informação, comunicação e tecnologia. Esses retornos crescentes às empresas (PARAYIL 2021 p. 41), faz com que se especializam em produtos com altos custos iniciais de produção. Mas depois de investir no desenvolvimento de produtos intensivos em conhecimento, como sistemas operacionais, computadores hardware, os custos de fabricação são relativamente insignificantes, e as empresas podem gerar receita por anos com base em sua propriedade intelectual protegida por direitos autorais. Em parte por causa dos altos custos iniciais de produção de produtos intensivos em conhecimento, levam à competição no capitalismo da informação, os países em desenvolvimento parecem ter poucas chances de competir no cenário mundial. O globo está cada vez mais dividido entre quem tem tecnologia, que colhe os benefícios do desenvolvimento tecnológico e do crescimento econômico, e despossuídos, que são tecnologicamente atrasados e excluídos, incapazes de inovar ou adotar e adaptar novas tecnologias (CASTELLS 2009);

- Migração e cidades. O capitalismo da informação aumentou a demanda por trabalhadores, e levou à "fuga de cérebros" de trabalhadores qualificados de países em desenvolvimento para países desenvolvidos. Migrando a lugares a quais eles podem ganhar salários muito mais altos do que em seus países de origem. As geografias de áreas metropolitanas em nações industrializadas avançadas mostram os efeitos da

migração qualificada. Há em "cidades globais", como Nova York, Londres e Hong Kong, uma nova geografia de centralidade e marginalidade (SASSEN 2001), em que trabalhadores qualificados do conhecimento internacional se aglomeram na gentrificação bairros nos centros das cidades, aumentando os preços nas áreas centrais e empurrando os residentes da classe trabalhadora para áreas periféricas.

- A esfera doméstica. Embora a tecnologia da informação tenha estimulado o aumento do número de trabalhadores produtividade, parte desse crescimento da produtividade é provavelmente devido à mudança nos padrões sociais que levou a população à transição para o capitalismo da informação. Com a ampla disponibilidade de internet, conectividade, computadores portáteis e e-mail, os profissionais do conhecimento foram capazes de trabalhar mais em casa facilmente.
- Dimensões políticas. Existem muitas dimensões políticas da transição para a informação capitalismo. Por exemplo, pesquisadores como Strange (1996) focaram no potencial de fluxos financeiros globais para sobrecarregar a capacidade de muitos estados de administrar suas próprias economias (a crise financeira asiática de 1997 é um excelente exemplo). Muitos países aproveitaram a tecnologia da informação no governo para traçar estratégias que tentam tornar os serviços governamentais mais acessíveis aos cidadãos, ou pelo menos a cidadãos com acesso à Internet. Em um nível global, o capitalismo da informação foi adotado pelo sistema das Nações Unidas (LEYE, 2007, p. 972), que incentiva os países em desenvolvimento a participarem na economia global da informação. Uma abordagem alternativa ao modelo predominantemente neoliberal adotado pela ONU tem sido para alguns países em desenvolvimento que investirem no “bem-estar informacional Estados”, (CASTELLS 2002) em que os governos fazer investimentos estratégicos no sistema educacional e em instituições públicas com o

acesso à Internet e outras informações serviços disponibilizados ao público, geralmente gratuitos;

- Direções futuras para pesquisa. Uma série de revistas acadêmicas se especializam em pesquisa e teoria sobre capitalismo da informação e tópicos relacionados. Vários tópicos podem ser apontados como especialmente dignos de pesquisa em um futuro próximo, no entanto, Dentro das democracias capitalistas avançadas, sociais e políticas realinhamentos decorrentes da transição para o capitalismo da informação não foram bem explorados. A nível global, parece haver necessidade de uma análise mais detalhada compreensão da corrida global do conhecimento, a competição entre os países para desenvolver seu capital humano para produzir bens e serviços mais intensivos em conhecimento (e lucrativos). E a igualdade de condições em que os países podem competir. Finalmente, enquanto houver uma grande quantidade de teorias ambiciosas sobre as relações da tecnologia da informação com o capitalismo, há indiscutivelmente uma necessidade de pesquisa empírica e etnográfica mais rigorosa, bem como mais historicamente pesquisa comparativa fundamentada. Embora haja um amplo reconhecimento do profundo impacto de tecnologia da informação sobre o capitalismo e sobre a vida humana em geral, a complexidade de sistemas financeiros e sociais globais contemporâneos tornam muito difícil para qualquer estudioso, ou um paradigma teórico, para produzir uma análise abrangente.

O capitalismo da informação evoluiu de uma maneira nova e dramática no final dos anos 1990. Os investimentos das empresas em tecnologia da informação começaram a contribuir para o aumento da produtividade em uma grande escala. Sendo assim, o capitalismo da informação não estava de forma alguma limitado a uma casta ocupacional de trabalhadores do conhecimento ou para o setor de alta tecnologia (IGNATOW 2017). Pois

refere-se à crescente importância da informação dentro do capitalismo sob as condições de globalização e rápido desenvolvimento tecnológico, estando intimamente relacionada a conceitos semelhantes, como economia do conhecimento (DRUCKER 1992), sociedade pós-industrial, sociedade da informação e sociedade em rede (CASTELLS 2009).

CAPÍTULO 2 – O CAPITALISMO COMO AGENTE INTERVENTOR NAS RELAÇÕES CULTURAIS E ROMÂNTICAS

2.1 O CAPITALISMO COMO INDÚSTRIA CULTURAL E A ABRANGÊNCIA COMERCIAL DE FIFTY SHADES

Cultura é aquilo que se cultiva em uma determinada sociedade, assim consequentemente podemos analisar os valores de uma coletividade através daquilo que ela cultiva.

Como já abordado no capítulo anterior atual sociedade ocidental adota o modelo econômico capitalista este que por consequência necessita de meios de produção para assim sua manutenção e consequente forma de escoamento de tais produtos, assim adentro assim neste momento a elucidação do que o capitalismo contemporâneo vem a transformar ou a comercializar como produto.

Se anteriormente mercadoria era somente aquilo que era produzido em um prognóstico industrial, ou uma oferta de bens de produção como descrito por Max, na contemporaneidade questiona-se e o que vem a ser produto? E se somente bens físicos são passíveis de venda? Questiona-se ainda que com capitalismo tardio, esse que empresas multinacionais expandem a níveis globais, seria possível obter tantos consumidores para produtos físicos, ou ainda necessitaria ir além e consequentemente vender produtos imateriais. Também questiona ainda uma forma manter um mercado faminto para aquisição e consequente consumo de mercado que mantêm as engrenagens capitalistas em curso, e consequente criar também mercado para tanto escoamento dos produtos precificados.

Portanto não somente produtos físicos são comercializados, deste modo é seguro afirmar que propriedades culturais também são “produtos” possíveis de exploração comercial, sobre o assunto Theodor W. Adorno²¹(2009) aborda:

A cultura é uma mercadoria paradoxal. É de tal modo sujeita à lei da troca que não é nem mesmo trocável; resolve-se tão cegamente no uso que não é mais possível utilizá-la. Funde-se por isso com a propaganda, que se faz tanto mais onipotente quanto mais parece absurda, onde a concorrência é apenas aparente. Os motivos, no fundo, são econômicos. É evidente que se poderia viver sem a indústria cultural, pois já é enorme a saciedade e a apatia que ela gera entre os consumidores. Por si mesma ela pode bem pouco contra esse perigo. A publicidade é o seu elixir da vida. Mas, já que o seu produto reduz continuamente o prazer que promete como mercadoria à própria indústria, por ser simples promessa, finda por coincidir com a propaganda, de que necessita para compensar a sua não fruibilidade. Na sociedade competitiva, a propaganda preenche a função social de orientar o comprador no mercado (ADORNO 2009 p.39).

Deste modo, encarando que toda e quaisquer produção cultural pode ser comercializada, adentrando assim outro patamar no âmbito capitalista e desse modo também, há de verificar o impacto na própria cultura quando esta é transformada em material comercial.

Entende-se ainda que em uma referida sociedade os seus objetos de cultura, ou seja, aquilo que é cultivado é compreendido pelos cidadãos desta referida sociedade como fatos verdadeiros, assim quando o capitalismo se torna agente interventor daquilo que é compreendido por cultura, logo essa sociedade também obterá novos traços culturais de massa, assim, objetos antes simplesmente artísticos como a literatura, cinematografia entre outros,

²¹ Theodor Adorno nasceu em 1903 e foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão. Ficou conhecido também por ser um dos maiores críticos da degradação que o capitalismo gera, em virtude das forças mercantis da cultura e das relações sociais. Todavia, Adorno integrou a primeira geração da Escola de Frankfurt e foi responsável por estudos acerca da teoria crítica, um modo de pensar inserido no contexto acadêmico e científico pela própria Escola de Frankfurt. Seus estudos, entretanto, tinham como foco a música e a teoria da arte. Posteriormente e sob a influência de Walter Benjamin, Adorno passou a estudar a sociedade capitalista à luz de suas leituras sobre a razão na filosofia iluminista, acompanhada de Hegel. (BRAGA 2020)

podem ser então considerados também como meios de vinculação ideológicas em um mercado os quais a utilizam como meio de expansão.

O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. (Adorno 2009 p.6).

Ainda, aborda-se como a sociedade contemporânea compreende uma dependência sobre a atual indústria cultural:

A dependência da mais poderosa sociedade radiofônica em relação à indústria elétrica, ou a do cinema aos bancos, define a esfera toda, cujos setores singulares são ainda, por sua vez, cointeressados e economicamente interdependentes. Tudo está tão estreitamente ligado que a concentração do espírito alcança um volume tal que lhe permite ultrapassar as fronteiras das várias firmas comerciais e setores técnicos. A unidade sem preconceitos da indústria cultural atesta a unidade em formação da política. Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas de diferentes preços, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los política. Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas de diferentes preços, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. (Adorno 2009 p.7).

Retorcendo ao tocante ao conceito "sociedade de consumo de massa" termo esse conceituado na década de 1960 por George Katona, compreendido como o fundador da psicologia do consumidor, os mercados econômicos ainda não eram globais; o compreendido por privado e público ainda não estavam em patamares comerciais como na contemporaneidade; e a ainda por nascer sociedade da informação e comunicação digital. No

presente momento, não é apenas o tempo e o dinheiro gastos em produtos, serviços e compras que formam uma sociedade de consumo.

Entre outros, os valores e crenças, o sistema econômico, cultural e legal, bem como as instituições dessas sociedades estão focados principalmente no apoio ao consumo.

Dentre as abordagens de produtos abstratos de conceitos emocionais, cita-se o aspecto conceitual sobre o compreendido por “amor”, romance, na cultura de massa, sobre, André Lázaro (1996) afirma que:

O amor é integrador. É claro que não faltam conflitos, mas a solução tradicional que os produtos da cultura produzidos industrialmente oferecem é a psicologização das questões: o amor como estado final de uma procura não é alcançado quando não há coragem bastante para vencer os limites. Realizado no beijo final, perdido no avião que levanta voo em meio a névoa, o amor é um assunto de esfera individual, do destino de cada um (LÁZARO 1996 p.216).

Chega-se assim aos conceitos referentes a este texto dissertativo, compreendo uma vez que o capitalismo cotidiano se utiliza da cultura como ferramenta disseminava ideológica, poderia a literatura de alto alcance, aquelas que é constituída para altas vendas ser objetos de propagação, vinculação ideológica?

Portando cabe analise a cultura de massa, em especial a propagada por via literárias como o caso de “*Fifty Shades*”, que tem em seu início em contexto escrito atingindo posteriormente o aspecto de *best seller*²²:

A expressão best-seller, aplicada a livros e à literatura, comporta dois campos de significação, nem sempre coincidentes. A primeira significação da expressão, em sua acepção mais literal, diz respeito ao comportamento de vendas de um livro em um determinado mercado editorial. Best-sellers indica aqui

²² Termo em língua inglesa para descrever obras que possuem maiores venda.

os livros mais vendidos de um período em um local. Nesse sentido é uma expressão quantitativa e comparativa, e que diz respeito a vendas. Ainda no sentido quantitativo de vendas, já se buscou estabelecer critérios não puramente comparativos para determinar um best-seller.

Frank Luther Mott, em um texto editado em 1947, propõe classificar como best-seller “os livros que, segundo se calcula, têm uma venda total igual a 1% da população dos Estados Unidos continentais na década em que foram publicados”. Este critério seria válido apenas para os EUA, necessitando adaptações para outras realidades.

Ao lado da aceção ligada às vendas no mercado editorial, a expressão best-seller, quando aplicada à literatura de ficção, passou a designar também, por extensão, um tipo de texto – características internas, imanes, de um tipo de narrativa ficcional.

Muitos autores, de tendências e pressupostos variados, buscaram elucidar quais seriam as características que fariam de um texto ficcional, um texto de literatura *best seller* – também chamada de paraliteratura, literatura trivial, subliteratura, literatura de entretenimento, de massa ou de mercado (REIMÃO 2018 p. 9).

Compreende-se que a semântica de best-seller não dá uma ideia no contexto gênero, tão pouco de conteúdo, ou pormenor em uma suposta qualidade atribuída ao escrito, no entanto apenas indica sua popularidade, o quantitativo de vendas por ela alcançada. Nesse sentido, a Bíblia judaica, ou a obra de “*Fifty Shades*” podem igualmente ser os mais vendidos.

Muniz Sodré, em “*Best-Seller: “A Literatura de Mercado”*”, define que: “Best-seller: todo livro que obtém grande sucesso de público. Um romance culto que se vende muito, um romance folhetinesco de êxito, um trabalho científico, filosófico ou religioso que conta com um grande público, são best-sellers” (SODRÉ 1988 p. 75).

A literatura impressa dentre os materiais culturais é uma das obras culturais ainda mais consumidos há mais tempo entre socialmente. Reservam a elas lugar de destaque dentre vários prognósticos a meios legitimadores reconhecimento profissional ao

autor e mais poderosos para divulgação de ideias concebidas, sendo ainda matéria-prima para outros tipos de mídia e concebendo fenômenos culturais.

As obras da escritora britânica E. L. James, da série “*Fifty Shades*”, propiciam exemplo de tal fenômeno. No 2012, ano de seu lançamento editorial pela editora *Random House*, assim, os escritos se sobressaíram entre vários meios comunicativos por retumbante sucesso. A compreensão de tal fenômeno, assim como os motivos que levaram para sua existência, é antes necessário compreender o mecanismo envolvidos na produção e consumo em que eles se inserem, ou seja, o próprio mercado editorial. Assim, verifica-se as abordagens dos sociólogos Pierre Bourdieu (1992) e John Thompson (2013).

Considerando os conceitos de Bourdieu: campo como um espaço social que possui determinadas práticas e disputas específicas, as quais agentes atuam e possuem diferentes níveis de capitais; capital são variados tipos de poder adquiridos em uma multiplicidade de maneiras, desde capital econômico até o simbólico, que se manifestam em relação sociais.

Thompson, em sua obra “*Mercadores de Cultura*” (2013), faz uso de tais conceitos para explicar que o mercado editorial é composto, na verdade, por uma pluralidade de campos, os campos de livros didáticos, os de livros comerciais, de livros de arte, entre outros, que se organizam de forma semelhante, porém com regras e conceitos, estratégias, objetivos e percepções que os diferem um dos outros.

Uma obra apontada como valiosa no campo de literatura infantil, pode não possuir a mesma validade no campo de publicações de livros profissionais, por exemplo, assim como os planos de marketing das duas obras provavelmente não deverão ser organizadas de forma parecida. Assim, funcionários competentes em um determinado campo podem ou não dominar outro. Essas especificidades são chamadas pelo autor de “lógicas de campo”.

A teoria dos campos é útil para nos ajudar a compreender os “agentes, firmas e outras organizações nunca existentes isoladamente encontrando-se sempre em complexas relações de poder, competição e cooperação com outras firmas e outras organizações”, ou seja, funcionam dentro de um sistema (THOMPSON 2013 p. 10). Esse poder acumulado por elas, ele explica, vem do capital acumulado dos seus agentes e das empresas.

Capital econômico são os recursos financeiros detidos por uma determinada editora que são necessários para a sua acumulação de direitos de publicação de títulos, e para a suas produções. capital intelectual são os títulos adquiridos propriamente, que serão usados posteriormente para gerar lucro.

Capital humano são os funcionários, suas habilidades, e seus próprios capitais sociais e simbólicos acumulados, o Capital Simbólico que é a reputação e reconhecimento da empresa editorial, construída por meio da percepção do público, mas também pelo seu catálogo, o sucesso alcançado dos seus escritores.

Destaca-se que o capital econômico e simbólico são de notável crucialidade na obtenção e manutenção do sucesso de vendas editorial e se tornam também cruciais no sucesso de uma editora e em sua posição em relação as competidoras. Tais campos não necessariamente devem coexistir, e o qual deles será o mais valorizado depende da missão editorial de cada empresa, cada Publisher²³ e cada selo.

Com isso em foco, pode separar as editoras em dois grandes campos: campo das publicações comerciais e o campo das publicações cultas, literárias. Distintas uma vez que são “representativas de fenômenos diferentes de produção e reconhecimento” (SODRÉ 1988 p. 1). Principalmente grandes editoras, que no cenário atual, dividirem-se em geralmente em selos que podem ser enquadrados em um dos dois selos.

²³ Termo em língua inglesa usado para designar o setor ou pessoa responsável por tornar uma obra comercialmente impressa disponível para o público.

As principais diferenças a serem ressaltadas podem ser explanadas no tipo de capital que cada campo objetivo adquirir a partir do consumo: literatura culta, busca o sucesso dos seus livros no capital simbólico, e para ser reconhecido como tal, as obras precisam ser reconhecidas por uma esfera da sociedade que a legitima e assim obtendo prestígio intelectual.

Os integradores de tais grupos legitimadores podem ser a academia, críticos especializados, premiações, entre outros (SODRÉ 1988).

Bourdieu (1992) classifica tal campo até mesmo de anticomercial, uma vez que está interessado somente com a arte em seu sentido mais purista sem pretensões lucrativas. O campo comercial, como o nome sugere, busca o lucro, o capital econômico, “fazendo do comércio dos bens culturais um comércio como outros, conferem a prioridade à difusão, ao sucesso imediato e temporário, medido, por exemplo, pela tiragem, e contentam-se em ajustar-se à demanda preexistente da clientela” (BOURDIEU 1992 p. 163).

Portanto, as formas de produção, circulação são vastamente diferentes, sendo uma:

ciclo de produção curto, visando minimizar os riscos por um ajustamento antecipada à demanda detectável, e dotados de circuitos de comercialização e de procedimentos de valorização (publicidade, relações públicas, etc.) destinados a assegurar o recebimento acelerado dos lucros por uma circulação rápida de produtos reservados a uma obsolescência rápida; e, de outro lado, empreendimentos com ciclo de produção longo, baseado na aceitação do risco inerente aos investimentos culturais e sobretudo submissão às leis específicas do comércio de arte: não tem mercado do presente, essa produção inteiramente voltada para o futuro tende a construir estoques de produtos sempre ameaçados de recair no estado de objetos materiais (Bourdieu 1992 p. 163).

Agora, explorando o assunto de forma mais tangente ao tema desta dissertação, verifica-se agora como o meio de capital (capitalismo) direciona o mercado do

campo da ficção comercial, assim, pode ser definido pelo desejo de obter o best-seller e consequentemente suas altas vendas. Uma obra literária alcançar o título de best-seller se tornou fundamental para financiar as outras obras, se não fosse os valores trazidos por essas vendas, não poderiam ser publicados por conta de seu alto risco, como as obras mais puristas artisticamente supracitadas, assim, mesmo que comumente rejeitados por críticos literários, ou seja, sem as obras de literatura em massa, o mercado de livros acadêmicos estaria em considerável risco.

O mercado editorial é uma indústria de muitas incertezas, quando se investe em uma obra, não se sabe a quantia de capital, seja ele qual for, regressará para a editora. O editor deve pagar pelo adiantamento do seu autor, arcar com todas as despesas de produção, comprar ou fazer parcerias com pontos de venda, substanciar o frete da distribuição, e ainda financiar o estoque e quitar com todos os outros gastos necessários para manutenção da editora.

Em um investimento alto, uma escolha errada prejudica a editora consideravelmente mesmo em tempos crescimento de obras digitais.

Assim, editoras utilizam de estratégias para diminuir as chances de fracasso editorial de uma obra, como lançar mão de elementos como a trajetória do autor, obras comparáveis, a plataforma do autor e a rede de crença coletiva dos profissionais trabalhando na editora naquela obra (Thompson 2013). Mesmo assim, o livro pode não obter o sucesso esperado.

Por questões comerciais, uma obra pode ter números extraordinários de vendas e no entanto, não obter igual sucesso na produção de capital, assim a definição de best-seller, é enganosamente simples, na verdade complexo em suas definições, tendo duas principais versões: as faces quantitativas e a qualitativas.

De acordo com o NPD Group²⁴, a trilogia erótica "*Fifty Shades*" de E. L. James marca os três livros de maior bilheteria dos Estados Unidos nos últimos 10 anos. A série, que inclui "*Fifty Shades of Grey*," "*Fifty Shades Darker*" e "*Fifty Shades Freed*", vendeu 35 milhões de cópias impressas e e-books de 2011-19 assim como consequentes adaptações cinematográficas inspiradas na obra.

²⁴ O NPD Group, Inc. (NPD; anteriormente National Purchase Diary Panel Inc. e NPD Research Inc.) é uma empresa americana de pesquisa de mercado fundada em 28 de setembro de 1966 e com sede em Port Washington, Nova York. Em 2017, a NPD foi classificada como a 8ª maior empresa de pesquisa de mercado do mundo, de acordo com o relatório independente AMA Gold Report Top 50. O NPD Group opera em 20 países, em mais de 20 setores.

CAPÍTULO 3 – O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE “*FIFTY SHADES*”

3.1 A AUTORA, SUA OBRA - COMENTÁRIOS

E. L. James, acrônimo de Erika Leonard James escritora britânica, autora da trilogia analisada nesta dissertação intitulada como “*Fifty Shades of Grey*”. Casada e nesse matrimônio gerou dois filhos. A saga a qual ela é autora foi baseada a “*Saga Crepúsculo*” da autora americana Stephanie Meyer. Inicialmente a história ocorria em Seattle e as personagens de “*Saga Crepúsculo*” não eram mais vampiros, são agora pessoas comuns que possuem sua narrativa voltada para suas vidas sexuais. Com a erotização crescente do conteúdo e atenção do público E. L. James renomeia os personagens e publica a história em um site próprio. Segundo a autora, a trilogia foi o resultado de sua crise de meia-idade. “Todas minhas fantasias estão ali [no livro]”, confessa E. L. James.

Por meio de narrativa em primeira pessoa (a autora irá utilizar esse recurso narrativo ao longo da obra), trazendo mais intimidade dos leitores com a protagonista e em também deixando obvio que as impressões da história estarão sob a ótica feminina, inexperiente da protagonista de apenas 21 anos, a jovem estudante de literatura inglesa, Anastasia Rose Steele; uma jovem de 21, encontra-se prestes a se formar e a convite e de sua colega de quarto e confidente Kate, substitui essa última para realizar uma entrevista para o jornal da universidade, o entrevistado é o bilionário Christian Grey, na obra, um dos maiores empresários do país, CEO da *Grey Enterprises Holdings Inc.*

Anastasia surge penteando os cabelos que não a obedecem e amansando-os em um rabo-de-cavalo, ao conhecer Christian Grey, espanta-se com sua beleza, sucesso e juventude, destacando-se esta última por ser tão jovem quanto a protagonista. Tantos atributos

que desperta de instantaneamente a atração de Anastácia. Ela se sente imediatamente atraída pelo homem, o que segundo sua narrativa nunca havia acontecido antes. Inexperiente no tocante a sexualidade e relacionamentos, não sabe lidar com todas as emoções que o encontro com Grey despertou seu corpo, fazendo que sua entrevista seja conduzida de forma atrapalhada a ponto de a entrevistadora tropeçar e cair de bruços ao chão, em posição sugestivamente erótica em seu primeiro encontro com Grey, fato que já é o prelúdio da narrativa e contexto erótico da obra.

Também na entrevista supracitada é evidenciado outro aspecto já conhecido a respeito das narrativas de amores folclóricos (mais aprofundada adiante) neste romance literário também há grande tensão, presente à ideia de que os protagonistas pertencem a mundos diferentes, um impeditivo para que esses possam se relacionar. Mais uma vez, há a utilização do recurso narrativo folclórico, fabular, que atrai o público e o faz torcer para que a “donzela” e o “príncipe” consigam superar as barreiras sociais e econômicas que os separam.

Continuando os fatos do romance de E.L. James, ambos demonstram interesse entre si, entretanto, ela julga o jovem Grey arrogante, traço utilizado para marcar narrativamente a personalidade “ máscula” forte e dominante de Grey, recurso necessário, afinal, na primeira publicação ele também acumula a função de mentor, apresentando a ela um mundo novo e distante daquele por ela conhecido até então.

Christian de surpresa, poucos dias passados a entrevista visita Anastácia em seu trabalho, em uma loja de ferramentas. Lá, ele a informa que concorda em realizar uma sessão de fotos já anteriormente combinada que acompanharia a entrevista.

Posteriormente às fotografias, Grey a convida para uma cafeteria, O episódio torna-se relevante, pois, durante o encontro Christian a salva de ser atropelada por uma bicicleta, a puxando para si. Impactada com a proximidade física dos dois, a estória quase narra um beijo entre eles, criando um momento de torcida para os leitores e tensão para as

protagonistas, porém, Christian se controla e alerta que ela deveria ficar longe da pessoa dele, para a sua segurança.

Anastácia despede-se e posteriormente recebe de Christian as primeiras edições de seus livros favoritos, raros. Ela se emociona, se constrange, e fica contente com a atenção demonstrada. No entanto, é sinalizada na obra a personalidade e característica controladora desmedida da personagem masculina.

Em fatos posteriores que ocorrem em um bar, o qual um colega de Anastácia tenta beijá-la contra a sua vontade, Grey após rastrear o telefone da jovem busca-a salvando-a de tal inconveniente. É um romance no qual ele acumula a dicotomia de “vilão” devido sua personalidade controladora, arrogante, dominadora e o contraste a também personalidade apresentada de “herói” uma vez que a obra o retrata salvando a donzela, como no infortúnio do atropelamento da bicicleta, que Grey a salva. Uma simbiose de desejos e domínio, obviamente que ele preserva a pureza que segundo a obra, para manutenção do romance trovadoresco, somente ele poderá atentar contra, ainda nesta dicotomia a obra apresenta a inocência da virgem versus a experiência do herói dominante como já dito, em tais cenas que Anastácia está em situações que ameaçam sua integridade física e moral, criando padrões ilusórios nos quais Christian Grey, encarna como salvador da honra e virtude.

Entre outros pequenos enredos, a narrativa leva o leitor ao momento que tornou a obra popular, o contrato sexual entre os protagonistas, contrato que envolve cláusulas de “Obediência”, “Sono”, “Alimentação”, “Roupas”, “Exercícios”, “Higiene pessoal/Beleza”, “Segurança Pessoal”, “Qualidades Pessoais”, “Limites rígidos” e “Apêndices”, obviamente envolvia a submissão e confidencialidade de Anastácia. Entra assim também o elemento que se pode classificar como uma personagem: o quarto dos jogos, com os diversos tipos de objetos sexuais de *Bondage*²⁵. Ressalta-se que ainda neste ato, Anastácia, concebida para ser uma

²⁵ De acordo com o dicionário de Cambridge, *bondage* significa disciplina (ou dominação), sadismo (ou submissão), masoquismo : atividade sexual que envolve , por exemplo , amarrar um parceiro , jogos em que um

personagem do estereótipo de “Donzela” revela ser “virgem”, fato este que irrita Christian, por assim ela não se encaixar naquela ocasião naquilo que proporcionaria maiores prazeres sexuais a ele, devido à falta de experiência da jovem, no entanto, ficando profundamente irritado e resolve a problemática naquele mesmo instante.

De fato, a obra não objetiva realizar uma narrativa mais fundamentada em aspectos subjetivos, a narrativa na versão brasileira, a estuda nesta dissertação, utiliza vernáculo popular, considerado por algumas camadas sociais como vulgar, a exemplo: “eu não faço amor, eu fodo... com força”, diz ele (JAMES 2012 p.89).

Essa é a dinâmica da primeira parte da obra controle sexual de Grey para Anastácia, e narrativa de seus momentos sexuais, embora justo citar que tal relação de controle estenda-se para além das relações sexuais, alcançando o relacionamento pessoal e diário do casal.

Ao fim, porém, depois de mais uma conversa sobre os termos do relacionamento, Anastácia questiona-se e deseja saber o quão violento Christian poderia ainda ser em suas relações sexuais, por fim, a conversa finda-se sem a obra aprofundar narrativamente sobre possíveis impactos psicológicos para a protagonista, ou um possível debate contemporâneo sobre violência doméstica. Anastácia desiste do contrato ao fim da primeira obra e parte com pesar.

Em “*Fifty Shades Darker*”, em publicações brasileiras: “*Cinquenta Tons Mais Escuros*” o casal separado ao fim da primeira obra já é prontamente restabelecido. Anastácia está agora em um novo trabalho como assistente editorial, trabalho esse que a permite mais autonomia em sua vida pessoal. A união romântica com Christian é realizada mediante promessas próprias que o herói demonstrará comportamento mais romantizado e que também

parceiro controla o outro, ou dar e receber dor por prazer: As atividades em BDSM são frequentemente caracterizadas pela participação dos participantes em papéis que envolvem desigualdade de poder. (CAMBRIDGE DICTIONARY 2022)

a ofertará com o que ela desejar. Oportunidade criada pela autora para que surja novamente um motivo de torcida e empatia do leitor para com o casal.

O lado controlador do protagonista não o abandona, Christian compra a empresa da editora em Anastácia agora trabalha, se tornando, tecnicamente, seu chefe, coisa que ela sempre evitou desde o primeiro encontro dos dois, quando ele sugeriu que devesse tentar um estágio nas empresas Grey.

Na segunda obra é criado ainda um momento de tensão com a inserção de uma nova personagem Leila, outra namorada, do passado obviamente, porém, ainda obcecada por Christian Grey, que não aceita que Anastácia tenha sido preterida a ela, fato não explicado na obra, uma vez que nunca apresentou que Christian estava sendo disputado por outra pessoa no momento que se relacionava com Anastácia.

Leila é também um gatilho para uma abordagem um pouco mais profunda neste segundo livro da série, o leitor tem agora a oportunidade de verificar mais o passado de Christian, até chegarmos à Elena, a pessoa que o protagonista se envolveu quando tinha ainda 15 anos e que o introduziu ao mundo sexual que hoje seria sua característica mais marcante.

Narra-se ainda o acontecimento mais relevante da segunda parte da saga, o pedido de casamento de Christian para Anastácia, ela aceita, mas o evento só ocorrerá na terceira obra.

A primeira trilogia encerra-se com a obra *“Fifty Shades Freed”*, em publicações brasileiras: *“50 Tons de Liberdade”* narra a continuidade do romance do casal de protagonistas, porém, agora com percalços do antes editor chefe de Anastácia: Jack Hyde tornando-se antagonista e sequestrando a irmã de Christian Grey. Ainda há espaço na narrativa para a gravidez de Anastácia e o casal concluindo a novela, juntos e construindo uma tradicional família.

“Grey”, “Darker” e “Freed” são as outras escritas por E.L James que fazem parte da série, no entanto, recontam os acontecimentos da trilogia anterior, porém pela perspectiva de Christian Grey sem apresentar grandes novidades mesmo essa narrativa sendo realizada por outra personagem.

3.2 ASPECTOS ROMÂNTICOS – CULTURA DO CONSUMO

Obviamente que buscar uma definição para o termo “Amor” seria algo árduo e dificilmente se obteria um conceito único, uma vez que a compreensão de “Amor” envolve aspectos culturais, sociais, históricos entre outros. Não sendo o obtivo deste texto tal conceito, e sim, somente a abordagem cultural e literária. Assim para fins semânticos, define-se quando utilizado termo “Amor” nesta dissertação, como a relação afetivas amorosa entre indivíduos.

As primeiras representações do ideal de amor romântico se originaram na cultura ocidental durante a Idade Média. Uma de suas primeiras aparições ocorre na lenda de Tristão e Isolda²⁶, e nas letras das cantigas trovadorescas.

Naquela literatura, o ideal de “amor sublime”, visava um modelo de homem fiel, que adorava uma bela dama que, como um símbolo de beleza e perfeição absoluta, o inspira para feitos. O amor ideal permite assim oportunidade de manifestar valores de nobreza, espiritualidade, sofisticação e inteligência, já adiante cronologicamente o "amor sublime" anteriormente citado, será visto nas mesmas cantigas emaranhando-se às relações sexuais e ao casamento, porém, ainda se mantém a crença medieval de que o amor verdadeiro deve residir

²⁶ Em terra, Tristão e Isolda viveram o seu amor na medida que lhes pareceu possível; viveram tão intensamente que ultrapassaram os limites do que é terreno e partiram, juntos, num périplo para a imortalidade (ANDRADE 2016).

na adoração arrebatadora do homem ou da mulher que se torna nessa visão, a personificação da perfeição.

Também sobre o contexto de representação do “Amor”, extra a representação literária, o psiquiatra e psicoterapeuta Carl Gustav Jung²⁷ apresenta que se um fenômeno psicológico significativo surge repentinamente na vida de uma pessoa, ele tem um enorme potencial inconsciente, que aumenta o nível de sua consciência.

Em algum ponto da história humana, uma nova oportunidade surge no inconsciente coletivo. Pode ser uma nova ideia, uma nova crença, um novo valor ou uma nova visão do universo. Este é um fenômeno positivo em seu potencial, desde que integrado à consciência, mas a princípio sua influência pode ser excessiva e até destrutiva.

Desta forma não é tendencioso ao erro afirmar que o amor romântico é um fenômeno em suma e característico da cultura e assim costumes ocidentais.

Culturalmente há aspectos de valores comparáveis à encontrados somente em conceitos religiosos, torna-se a arena o qual o homem e a mulher estão em busca de significado, transcendência, integridade e até deleite.

Como fenômeno de massa, o conceito de amor romântico é um fenômeno evidente nos hábitos ocidentais. A aceitação cultural por questões atávicas tende a viver de acordo com as crenças e tradições do amor romântico considerado em geral: “a única forma de amor” com base na qual existem casamentos e relacionamentos. Pode-se verificar que apenas esse amor é idealizado, desejado e assim considerado o único válido e “verdadeiro”.

O amor romântico não é apenas uma forma de amor, mas todo um complexo psicológico de crenças, ideais, atitudes e expectativas. Assim, muitas vezes em nosso

²⁷ Carl Gustav Jung, (nascido em 26 de julho de 1875, Kesswil, Suíça - morreu em 6 de junho de 1961, Küsnacht) psicólogo e psiquiatra suíço, fundou a psicologia analítica, em alguns aspectos uma resposta a psicanálise de Sigmund Freud. Jung propôs e desenvolveu os conceitos do extrovertido e o introvertido de personalidade, arquétipos e do coletivo inconsciente. Seu trabalho foi influente na psiquiatria e no estudo da religião, literatura e campos relacionados (FORDHAM and FORDHAM 2021).

inconsciente existem ideias completamente opostas que determinam nosso comportamento e nossas reações muito antes de nos tornarmos conscientes delas. Então surge automaticamente a suposição sobre o que a outra pessoa representa para nós, o que devemos sentir e o que "ignorar". (JOHNSON 2008 p. 4)

(...) a ideologia do amor romântico, a racionalidade do casal igualitário e do próprio amor confluyente indicam a noção de destino.

Isso ocorre na medida em que possibilitam a crença de que o casal é constituído naturalmente e livre da situação social, fundado pelo desejo e escolhas puramente individuais (...) impõe uma visão determinista do amor, onde as pessoas independentes do que fazem e pensam irão viver a mesma história amorosa (PRETTO 2008 p. 183-195).

Os ocidentais geralmente entendem o amor romântico como uma atração emocional convincente por um outro idealizado, se espalhando por todo o mundo, enquanto simultaneamente os teóricos argumentam que o romance está perdendo sua autoridade devido às condições da pós-modernidade²⁸ (LINDHOLM,1988).

Um tipo de amor que poderia ser mais bem chamado de amor romântico foi o presente ou a maldição para o mundo da cultura ocidental. Este é um fenômeno que, em sua forma mais simples, pode ser descrito como a prática de escolher o cônjuge com base na preferência pessoal, ao invés de obrigações sociais. Tal conceito surgiu na Idade Média, e o verdadeiro amante descrito por Andreas Capellanus²⁹ em sua obra *De Amore*, a qual está continuamente e sem interrupção obcecado pela imagem de sua amada.

²⁸ Pós-modernidade é um conceito que representa toda a estrutura sociocultural desde o fim dos anos 80 até os dias atuais. Em suma, a pós-modernidade consiste no ambiente em que a sociedade pós-moderna está inserida, caracterizada pela globalização e domínio do sistema capitalista.

²⁹ Capellanus baseou suas ideias principalmente na "*Ovid's Art of Love*", "*Amours, and*" (in Book III), "*Remedy of Love*", embora às vezes ele não entendesse seu mestre e levasse a sério o que Ovídio pretendia ser uma brincadeira.

Souza (2007), acredita que o amor romântico está ligado diretamente à ideia de “amor perfeito”, cuja crença ainda dos tempos medievais visava que para ser amado, o ser em questão teria que ser idolatrado como um algo divino. Por consequência de tal adoração, a frustração com a realidade de uma vida cotidiana era certa, quebrando aquela fantasia antes idealizada.

Para Sigmund Freud, o ser humano busca o amor como se fosse uma continuação do seu ego, podendo ser esse sentimento dividido em duas formas: a escolha de objeto narcísica e a escolha de objeto anaclítica (FREUD 1974).

Na escolha de objeto narcísica o modelo é a relação do indivíduo consigo mesmo. É uma relação marcada pela onipotência, onde as limitações, enganos e erros são vividos como ofensa pessoal.

Na escolha de objeto anaclítica, a pulsão sexual está apoiada na pulsão de autoconservação. É uma escolha regressiva e complementar – mulher que alimenta e homem que protege. Infantilizante para um, acentua o papel parental do outro.

A escolha narcísica ativa está do lado masculino, e a escolha anaclítica, passiva, está do lado do feminino em relação à mulher, Freud estabeleceu duas condições que determinam a escolha. O objeto deverá ser um substituto paterno: o complexo de castração leva a mulher a se afastar da mãe (a quem atribui à falta de um pênis) e a achar no pai uma posição de descanso (SALLES; SANCHES *and* ABRAS 2013).

Ao escrever o texto “Narcisismo: uma introdução”, Freud busca apresentar que,

o amor é uma repetição e suas matrizes são as imagos parentais. A pessoa está sempre buscando em suas escolhas amorosas as condições infantis de amar, ou seja, tentando reconhecer no outro os traços das imagos parentais. Por isso, ele afirma que o amor é marcado pela ilusão. As ilusões promovem ideais e expressam a crença de que um desejo (que é sempre psíquico) possa se concretizar. O desejo é a expressão de um anseio inconsciente por um objeto perdido e inalcançável que possa trazer a

revivência de uma satisfação prazerosa. A ilusão mantém o desejo e o desejo coloca em movimento o psiquismo. Para que haja o desejo tem que haver uma falta. O desejo é sempre desejo de um objeto perdido (TARDIN *and* ANDRADE 2004).

No amor, por meio da idealização do objeto busca-se uma satisfação plena. Já no desejo a satisfação não é completa, uma vez que ela se origina do desprazer (pressão pulsional) produzida pela falta. Por esse motivo o sujeito está permanentemente desejando (SOUSA, 2007 *apud* TARDIN *and* ANDRADE, 2004).

Por vezes o amor romântico na sociedade ocidental moderna é interpretado como um tipo de coisa que deve ser adquirida, e os parceiros no “amor” se consideram, partindo do princípio de “possuir” ou “ter.

Explícita, e mais frequentemente implícita, a compreensão do amor do ponto de vista da posse e de propriedade. A respeito dessa compreensão do amor o psicanalista, filósofo e sociólogo Erich Fromm (1987) acredita que não existe uma “coisa” como o amor.

Segundo ele, “Amor” é uma abstração; talvez seja algum tipo de criatura ou deusa sobrenatural, embora ninguém ainda tenha sido capaz de ver essa deusa com seus próprios olhos.

Se um indivíduo experimenta o amor de acordo com o princípio da posse, isso significa que ele procura privar o objeto de seu amor de liberdade e mantê-lo sob controle. Esse amor não concede vida, mas suprime, destrói, estrangula, sufoca.

No conceito popular sobre amor, geralmente abusa-se da palavra para esconder o fato de que realmente não sentem amor.

Uma menção especial deve ser feita ao amor ou relações amorosas sexuais. Para esse tipo de relacionamento, é claro, a natureza apaixonada e "dionisíaca" do amor é importante. Sob a influência da paixão, os parceiros amorosos são capazes, é claro, de atos imprudentes. No entanto, essa imprudência tem seus limites.

Com um certo grau de certeza, pode-se concluir que o culto ao sexo e erotismo prevalece no mundo moderno.

A relação amorosa-sexual, que em geral é vivida como uma das mais intensas experiências de satisfação associada ao protótipo de toda felicidade leva o sujeito a um sofrimento intenso se suas expectativas não são correspondidas (no caso de traição, morte, rejeição) uma vez que ele se coloca como dependente de seu objeto amoroso escolhido. As representações psíquicas do amor e do desejar sexualmente o outro são em geral contraditórias e podem também fazer emergir outras fontes de sofrimento na relação amorosa, além da sensação de desamparo a cada um a cada um por suas expectativas não serem atendidas. (TARDIN; *and* ANDRADE 2004 p. 303)

Dando continuidade ao apontado por Freud (2011), no texto: “O mal-estar na civilização”, o amor se origina de uma pulsão sexual e se desdobra em diversas formas de amor: fraternal, filial, entre outros, inibindo a sua finalidade genital, não exigindo exclusividade.

Em sua segunda teoria pulsional, Freud coloca o amor, com todas as suas formas, e a sexualidade como manifestações da pulsão vital (SOUZA 2007).

A pulsão não consegue se conciliar com as exigências da civilização, o que leva a uma divisão no amor, no que concerne à ternura e à sensualidade gerando uma sensação de incompletude. Essa divisão gera insatisfações amorosas e a sensação de desamparo. No texto *Moral sexual civilizada e doença nervosa* dos tempos modernos, Freud diz que a moral da cultura traz conflitos ao psiquismo e problemas à sexualidade, mas a pulsão também não permite a realização da satisfação completa uma vez que ela não tem objeto específico que permita a satisfação plena. A sexualidade não tem objeto específico já que o objeto que causa o desejo está perdido. A frustração pulsional também pode se dar por acontecimentos da história infantil do sujeito e pela dificuldade de conciliar o objeto da pulsão com os modelos de amor da cultura. (TARDIN *and* ANDRADE 2004)

Uma vez entendido os conceitos referentes ao entendimento sobre o amor, avançando aos conceitos e culturais modernos, é interessante observar duas abordagens da socióloga Eva Illouz:

Minha tese é que a criação do capitalismo caminhou de mãos dadas com a criação de uma cultura afetiva intensamente especializada, e que, quando nos concentramos nessa sua dimensão – em seus sentimentos, por assim dizer –, podemos descobrir-nos em condições de revelar uma outra ordem na organização social do capitalismo.

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. Como seria inevitável, a “racionalização” e a “mercantilização” (dos afetos) são temas recorrentes. (ILLOUZ 2011 p. 6 - 7)

Desta forma, a socióloga apresenta que o entendimento das relações românticas pode e está intrinsecamente ligado ao modelo econômico de ganho de capital, em outras palavras, atualmente verifica-se a possibilidade de relacionar-se com uma determinada pessoa de acordo com os aspectos de capital.

Em nossa sociedade contemporânea não é incomum, associarmos sucesso e responsabilidade de um indivíduo a sua capacidade de criar montantes financeiros, ou a responsabilidade de criação de filhos à alguém que optou por profissões, carreiras que possuem perfis mais conservadores quanto a renda. Obviamente que toda essa conclusão parecer bem lógica para um cidadão comum, no entanto, se observado por outros aspectos relevantes, as condições financeiras sozinhas, não estabelecerão outras ligações importantes no sucesso de um relacionamento, no entanto, são fortemente consideradas na esfera cultural ocidental.

3.3 ASPECTOS ROMÂNTICOS – MITO E AS PERSONAGENS DE “*FIFTY SHADES OF GREY*”

O conceito de mito, de maneira geral, se refere a um procedimento mental nos quadros da cultura arcaica ou selvagem. Neste sentido, um mito apenas o é até que seja percebido como tal numa avaliação externa, entrando assim em crise.

O prisma que vamos abordar agora reflete o sentido oposto: para o pensamento não arcaico ou selvagem, um mito passa a sê-lo depois de identificado como tal, e sua conotação mais direta é a de uma crença rudimentar e enganosa, uma ficção, uma mentira, enfim. É neste contexto que se chama "mitômano" ao mentiroso compulsivo.

[...]

O mito moderno é em geral abordado em termos de analogias superficiais com comportamentos arcaicos a identificar, entre costumes vestigiais já desprovidos de substrato mítico, "bolsões míticos" na "era científica" (como o próprio mito da ciência, os símbolos nacionais etc.) e de tentativas de substituição dos mitos religiosos.

O que escapa a esta visão é que o mito moderno, num percurso paralelo e alternativo ao que efetua desde o mito original para se transformar, através de sucessivas crises, em teoria filosófica ou científica, se torna ideologia. Neste caso, mais do que transformação, ocorre permanência, havendo mudança apenas no sentido de adaptação ao novo contexto.

Esta adaptação, no entanto, se dá a partir de um descolamento básico e não consegue superá-lo-á não ser através de descaracterização radical do mito, e então já se trata como que de outra coisa e não caberia falar de mito.

Se no antigo contexto, o mito fornecia referencial para um universo em relação ao qual ele próprio era elemento constituinte, no novo, que é constituído a partir de outro quadro mental, ele fornece apenas falsa consciência, se prestando neste sentido - ainda que com pouca eficácia - a instrumento de dominação (FIKER 1984 p. 9).

Na citação acima, Raul Fiker, filósofo brasileiro conceitua em seu texto:

“Do mito original ao mito ideológico” a respeito da semântica do mito moderno.

Isto compreendido, mesmo na sociedade ocidental contemporânea ocorrendo um domínio da ciência, é o mito que influenciar a vida amorosa do indivíduo. Isso ocorre porque é o sociocultural que dá significado ao sexo e são os mitos da sociedade que dão poder a esses significados (SOUZA, 2007).

A inserção da idealização do amor romântico é ainda é observada e embutida na cultura atual. A alegoria de cavaleiro montado em um alazão branco pode ter ficado no passado, mas a crença, aquilo que é entendido como amor-romântico ainda move parte considerável do imaginário popular.

A história do mito do amor romântico remonta à Idade Média, baseado nos princípios do feudalismo, na qual havia uma espécie de jogo intelectual das classes altas: um homem se posicionava como vassalo de uma dama e se dirigia a ela como sua amante.

Um exemplo de dama ideal, naquela época, era uma mulher de status, rica e influente que um homem tentava atrair com qualidades nobres, "cavalheirescas": bravura, devoção, generosidade.

Caracterizava-se como amar o amor mesmo que para isso fosse preciso sofrer até a morte.

O sentimento amoroso torna-se uma crença, que se mantém viva na busca da felicidade plena, a exaltação do bem-estar que possibilita a vida e perpetua o mito do amor.

[...]Os mitos revivem os sentimentos, a imaginação coletiva da humanidade, e, acima de tudo, as imagens suscitadas pelo emprego do mito, serão o caminho perfeito para a captação do público leitor sedento de novidades e de sentido para as agruras do cotidiano. Neste momento, o mito deixa de ser apenas história [...], para se tornar uma forma de pensar e de conscientizar. (CUNHA 2008)

É válido ressaltar que durante séculos o conceito de casamento não estava relacionado ao conceito de amor: Pais davam as suas filhas em casamento àqueles a quem julgavam adequado, sem levar em consideração os desejos ou apontamentos de tais filhas. Porém, com a aquisição de direitos civis e liberdade cultural de escolha pelas mulheres em

questões relativas à relacionamento e casamento, a ideologia do amor romântico (cortês) começou a elevar-se na escada social, além de ganhar popularidade entre a criatividade cultural, seja na literatura, canções entre outros.

Envoltos aos conceitos do mito do amor, pode-se abordar para as personagens que a compõem. Ao que se refere ao gênero masculino, ainda que na contemporaneidade ocorreram inúmeras mudanças na representação e compreensão do que isso vem a ser, é apresentado em obras diversas a figura masculina como o ser detentor de força, um ser que não deve demonstrar seus sentimentos perante a pessoa amada, para assim não perder sua masculinidade.

O homem patriarcal é uma espécie de ser humano que fica entre a cenoura e a vara e, portanto, é controlado com eficiência. A cenoura é a promessa distante dos três pés do patriarcado: poder, prestígio e proveito. A vara é o mito da masculinidade, que mantém os homens na linha com a ameaça: “se vocês não se comportarem como homens serão maricas, ‘bichas’ “– o que é o mesmo que dizer iguais as mulheres”. (KREPS 1992 p. 37).

Sobre a figura masculina e o amor, Kreps (1992) ainda afirma ainda que:

As evidências indicam que, durante a vida, os homens se apaixonaram com mais frequência que as mulheres, se envolvem mais depressa quando em um novo relacionamento, se apegam com mais tenacidade a um caso de amor arruinado (as mulheres decidem com mais frequência que os homens quando em um caso de amor deve terminar), se sentem mais deprimidos, mais solitários e menos livres depois de um desastroso caso de amor. E, como aspecto final, embora o homem masculino seja mais movido pela compulsão romântica que as mulheres, são elas que experimentam com mais intensidade a euforia e a agonia do romance. É um aspecto trazido pelo mito da masculinidade, que treina e exige que os homens ‘ratifiquem’ sua masculinidade, comportando-se de uma maneira que lhes impossibilita o amor autêntico (1992 p. 65).

Assim, segundo a autora, o mito da masculinidade é uma abordagem que concede aos homens um poder particular, porém em contrapartida nega-os esse poder igualando uns aos outros, uma vez que todos os homens já possuiriam tal poder. O mito da masculinidade, desta forma pode-se configurar que Christian Grey não distingue a tal padrão, uma vez que exerça inicialmente o domínio da relação sob encantamentos à Anastácia, é ela que está no decorrer da obra com o controle de ruptura do relacionamento.

Já em relação à mulher Dowling (1981 p. 26) afirma que:

A dependência psicológica – o desejo inconsciente dos cuidados de outrem – é a força matriz que ainda mantém as mulheres agrilhoadas. Denominei-a ‘Complexo de Cinderela: uma rede de atitudes e temores profundamente reprimidos que mantém as mulheres numa espécie de penumbra e impede-as de utilizarem plenamente seu intelecto e criatividade. Como Cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar suas vidas.

Anastácia, encaixa-se nesse prognóstico de personagem, ela é apresentada inexperiente em diferentes aspectos em destaque no sexual. Apresenta-se como uma donzela que precisa ser retirada de uma torre, (em referência ao mundo que ela está inserida), para ser levada ao mundo externo pelo seu par romântico, (Christian Grey).

Anastácia mesmo que posteriormente ao fim da primeira obra e início da segunda esteja com o controle da relação concentrada nela, uma vez que parte para distante de seu amado, não o faz em sinal de ruptura e sim na narrativa, para criar um recurso de continuidade da estória e assim continuá-la.

3.4 O CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE FIFTY SHADES

“A unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino. ... O nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor” (BARTHES 1988 p. 70). Na citação extraída do texto “A morte do Autor”, o sociólogo, também crítico literário e semiólogo francês, Roland Barthes apresenta que se deve desposar do apego e da importância concedida ao Autor para a compreensão da sua obra, ou seja, para Barthes, o Leitor é um indivíduo com história própria e assim compreensão igualmente própria, não sendo meramente usufrutuário de uma obra que é propriedade eterna do autor.

Assim com base no supracitado pensamento crítico literário, a presente dissertação, neste momento propõem a analisar a obra “*Fifty Shades*” não sob a ótica ou possíveis intenções propagandista ao conceito capitalista, distante disso, objetiva-se analisar os escritos de forma cultural, em outras palavras, se as personagens, se a concepção destas, está inserida na cultura capitalista moderna abordada no capítulo anterior. E ainda sobre o assunto, no contexto da leitura, vale-se ressaltar que o texto literário é polissêmico, ou seja, possui mais de uma possível interpretação, mesmo que em uma narrativa ficcional a leitura e sua interpretação são conduzidas por meio das impressões das personagens, ainda sim decodificar a leitura é uma prática a qual se produz sentido a partir de determinado texto. Esse sentido que produzido depende de diferentes elementos, “Ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais” (GOULEMOT 1996 p. 113).

Compreendido o fato que a interpretação da leitura não se constrói sozinha, sem um contexto, volta-se a contextualização mais uma vez da sociedade contemporânea tendo o capitalismo ideológico.

Assim, para prosseguimento desta análise crítica, observa-se de acordo com o pensamento de autor Colin Campbell, esse que apresenta como chave para a compreensão do consumismo moderno, e do hedonismo de modo geral, a interação dinâmica entre a ilusão apresentada pelo modelo económico de capital e a realidade, entre a promessa e a concretização:

O preço de uma mercadoria é claramente um símbolo cultural de alguma importância e, ao comprá-la e exibi-la conspicuamente, um consumidor transmite uma mensagem àqueles que o rodeiam, uma mensagem que de fato pode equivaler a dizer: ‘vejam como eu sou rico, posso dar-me o luxo deste item muito caro’. Mas produtos e serviços são impregnados de outros significados culturais, notavelmente os relativos às questões de ‘gosto’ e ‘estilo’, e a compra e exibição de um produto ou serviço podem, assim, ter origem em um desejo de transmitir mensagens dessa espécie. (CAMPBELL 2001 p. 77-8).

Obviamente por seu caráter de literatura de alcance de massa e *best seller*, a obra “*Fifty Shades*” já carrega em sua estrutura o conceito mercadológico capitalista, porém, diferente de outras obras do mesmo cunho, que possuem ambientações narrativas de natureza ou personagens fantasiosos, a escrita de E. L. James em *Fifty Shades* apropria-se do universo real e contemporâneo e assim consequentemente suas personagens são igualmente concebidas para comporem tal cenário, assim passíveis de análise literária se tais personagens individualmente apresentam características culturais inferidas do capitalismo contemporâneo, ou seja, se os indivíduos legítimos que vivem em estruturas sociais reais sofrem interferências culturais oriundas do atual modelo econômico, os indivíduos da ficção de *Fifty Shades* também apresentariam tal característica?

Então como já questionado anteriormente: Dentre tantas mercadorias ou aspectos, o que o capitalismo contemporâneo vende? E se de acordo com Colin Campbell, é desejo, como tal desejo afetaria a compreensão do “desejável” para a sociedade moderna? Ora, aquilo que vem por meio do capital.

As obras que constituem a estória são narradas constituindo a personagem Anastasia Steele como heroína. Isto posto, os principais recursos literários e narrativos utilizados para descrever Christian Grey, o interesse romântico da heroína são sob a ótica da personagem de Anastasia, assim a leitura dos atributos de Christian e interpretação destes aos leitores ficam também a cargo em grande parte à Anastasia.

A personagem masculina, é verificada no prognóstico romântico em uma nova roupagem ao “homem que não conhece o amor”, assim de uma expectativa romântica atual, Christian alterna entre o que não se é esperado da gentileza implícita no imaginário correspondente ao ideal do príncipe encantado, muitas, na verdade, quase que é antagonista a tal idealização. Em uma das narrativas sobre seu par romântico, Anastasia a faz descrevendo um homem assustador, frio, flertando com a insanidade: “De repente, me rechaça, mais tarde, me manda livros que valem quatorze mil dólares, depois me segue no bar como se fosse um perseguidor. E no fim de tudo, passei a noite na suíte de seu hotel e me sinto segura. Protegida.” (JAMES 2012 p. 65)

Ainda sobre como a obra “*Fifty Shades*” apresenta o seu ideal romântico, de acordo com a escritora e crítica literária Sarah Wendell (2009 p. 92), o herói em palavras diretas seria “uma representação multifacetada e em constante mudança da masculinidade, o herói é um espécime de macho feito para acender as fantasias e o fogo da paixão de todas as fêmeas ao seu redor”³⁰. Segundo ela, existem três tipos principais deles em livros de romance: o macho alfa (*alpha male*), o herói beta (*beta hero*), também conhecido como “o sujeito simpático”, e o rogue hero, que pode ser traduzido, mais ou menos, como “o malandro”.

A autora continua: Christian é claramente um macho alfa, e entre todos, essa é na verdade a categoria mais popular entre as leitoras. Eles são “fortes, dominantes,

³⁰Tradução livre. No original: “An ever-changing multi-faceted depiction of manhood, the hero is a male specimen designed to ignite the fantasies and flame the undying passions of all females within his vicinity”.

confiantes, muitas vezes isolados, que carregam um lado torturado e mais afetuoso neles que eles raramente deixam outros verem³¹” (WENDELL 2009 p. 102).

De fato, a obra abrange Christian Grey como um homem de personalidade marcante, algo se comparado aos instintos primais como realmente o “macho alfa”, no entanto, a personagem não apresenta tal dominância por meio de aspectos de força física ou política a exemplo, de fato, em “*Fifty Shades*” o aspecto econômico de Christian compõe e traduz seu caráter dominante, seu poder aquisitivo é utilizado para atualizar contextos de força e supremacia, assim ele exerce domínio sobre Anastasia por meio de presentes, ou demonstrando o quão extensivo é seu poder financeiro:

Christian dá-me o seu sorriso enigmático.

— Você está comprando a empresa, — eu sussurro horrorizada. Seu sorriso desliza em resposta ao pânico na minha voz.

— Não exatamente, — diz ele.

— Você já comprou. SIP.

Ele pisca para mim, cautelosamente.

— Possivelmente.

— Você comprou ou você não comprou?

— Comprei.

Que diabos?

— Por quê? — Eu suspiro, chocada. Oh, isso é demais.

— Porque eu posso, Anastásia ³² (JAMES 2012 p. 62).

[...]

— Você, cortesmente, deve aceitar o meu presente de graduação.

— Oh. — E no fundo, eu realmente sabia o que era. O medo invadiu a minha barriga. Ele está olhando fixamente para mim, medindo a minha reação.

³¹ Tradução livre. No original: “strong, dominating, confident men, often isolated, who hold a tortured, tender element within themselves that they rarely let anyone see”.

³² Christian Grey comprou a editora (SIP) que Anastácia trabalhava por ciúmes de seu chefe Jack.

— Vamos, — ele murmura e se levanta, arrastando-me. Tomando sua jaqueta, ele a bota por cima de meus ombros e dirige-se para a porta.

Estacionado do lado de fora está um carro vermelho flex, um Audi de duas portas, compacto.

— É para você. Feliz graduação, — ele murmurou, puxando-me em seus braços e beijando meu cabelo (JAMES 2012 p. 226).

Em continuidade, na obra apresenta a personalidade intrincada de Christian, a fazendo externa-se novamente por meio de seu capital:

— Mas se você trabalha tão duro, o que você faz para relaxar?

— Relaxar? — Ele sorri, revelando dentes brancos perfeitos.

Eu paro de respirar. Ele realmente é lindo. Ninguém devia ser tão bonito.

— Bem, para “relaxar” como você diz, eu velejo, eu voo, eu desfruto de várias atividades físicas.

Ele desloca-se em sua cadeira. — Eu sou um homem muito rico, Senhorita Steele e tenho passatempos caros e absorventes (JAMES 2012 p. 15).

Continuando, em ficções de romance, comumente parte da atração, são apresentadas ao público cenas que mostram o motivo que determinado casal finalizar a narrativa juntos, o herói demonstra o seu carinho pela personagem por meio de gestos extravagantes, como salvá-la de algum perigo como nas novelas literárias de cavalaria, ou levá-la a encontros muito românticos, dar-lhe presentes que significam muito, ou como na obra dissertada, presentear com presentes absolutamente caros: “Eu trabalho excepcionalmente duro, então eu posso gastar meu dinheiro como eu quero. Eu podia comprar para você, tudo o que deseja Anastasia, e eu quero fazê-lo. Chame isto redistribuição de riqueza se você quiser” (JAMES 2012 p. 347).

É válido ressaltar assim que não é novidade literária o galanteio por meio de presentes à personalidade amada ou desejada, ou demonstração de “merecimento”, feitos,

proezas que coloquem o pretendente a altura do cortejo romântico. Ora, se antes era necessário matar dragões em narrativas folclóricas, não seria injusto abordar que na narrativa de E. L. James, as proezas de merecimento e qualificação de Christian Grey vão ao encontro de seu alto poder monetário.

Anastasia, você tem alguma ideia de quanto dinheiro eu faço?

Eu coró, claro que não.

— Por que deveria? Eu não preciso saber sobre sua conta bancária, Christian [...]

— Anastasia, eu ganho cerca de cem mil dólares por hora.

Minha boca cai. Essa é uma quantia obscena de dinheiro.

— Vinte e quatro mil dólares não é nada (JAMES 2012 p. 119).

Em prosseguimento:

— Acha que está bem um *Pouilly Fumé*³³?

Não tenho a menor ideia sobre vinhos, Christian. Estou certa de que será perfeito.

Falei em voz baixa e entrecortada. Meu coração batia muito depressa.

Queria sair correndo. Isto era luxo de verdade, de uma riqueza exagerada, tipo Bill Gates (JAMES 2012 p. 86).

Cita-se ainda:

— Você tem dinheiro?

Ah não.

— Sim, — eu digo com uma paciência fingida como se eu estivesse falando com uma criança pequena.

Ele ergue uma sobrancelha severa para mim. Merda.

³³ *Pouilly-Fumé* é uma denominação de origem francesa para o vinho branco seco de *sauvignon blanc* produzido em torno de *Pouilly-sur-Loire*, no departamento de *Nièvre* – França.

— Sim, eu tenho, obrigada, — eu emendo rapidamente.

— Eu tenho um jato. Não está programado para ser usado pelos próximos três dias, está a sua disposição.

Eu olho boquiaberta para ele. Claro que ele tem um jato, e eu tenho que resistir a natural tendência do meu corpo de desviar meus olhos dele (JAMES 2012 p. 325).

Ainda em abordagem sobre o conceito de dominação, aprofundando sobre o desenvolvimento das relações românticas de “*Fifty Shades*”, segundo a professora e socióloga Eva Illouz (2014), a dinâmica entre o dominador e dominado é uma paradoxal, pois dominar o outro significa apagar seu arbítrio, mas dominação só pode ser verdadeiramente atingida se domina um consciente que é capaz de reconhecer a superioridade do seu Mestre. Dominar significa fazer o submisso querer se subjugar a vontade do seu dominador, e para isso, o submisso deve ser autônomo, assim em conformidade, Anastasia abandona Christian ao final dos eventos narrados na primeira obra, pois percebe que não quer se submeter aos desejos de Grey “Tenho que ir. Chega... tenho que ir embora. Ele não serve para mim, e eu não sirvo para ele” (JAMES 2012 p. 450),

isto compele Christian em ‘reconhecê-la’, ou seja, se apaixonar por ela por conta da sua afirmação de autonomia.

[...]

Um relacionamento que começou como uma tentativa de Christian para dominar, torná-la sua submissa, uma escrava, se torna uma ‘batalha por reconhecimento’, uma eterna briga com o Dom que progressivamente acaba se submetendo a vontade de sua Submissa, ressoando com os contos em que o fraco (a submissa) é, na verdade, o mais poderoso (o dominante).

[...]

Christian desiste do seu desejo por poder e quer em vez disso ser reconhecido por Ana.

[...]

A fantasia de 50 Shades of Grey tem a ver com o tipo de dinâmica emocional que apresenta: onde a autonomia de Ana e o poder de Christian criam o desejo de um pelo outro, e onde a submissão de um pela vontade do outro cria ainda mais autonomia e desejo. (ILLOUZ 2014 p. 57)

Com isso, a autora conclui sobre a fantasia apresentada: “a luta por autonomia e poder não gera conflito com desejo, mas sim a cria” (2014 p. 59). Estamos ainda presos em um estágio de progresso entre os papéis exercidos anteriormente, e os novos que são exigidos de homens e mulheres hoje.

A desigualdade, segundo Eva Illouz (2014), possui seus atrativos, como explicado pela crítica literária estadunidense Bell Hooks, em sociedades que a proteção do homem era uma troca aos favores que a mulher poderia oferecer, essa dinâmica gerava uma forte dependência mutual. “Equidade, ao contrário, não gera um senso de obrigação, mas sim uma consciência das necessidades e direitos do outro, que podem potencialmente gerar conflito com os direitos e necessidades próprias” (ILLOUZ 2014 p.67).

Salienta-se também que a obra de E. L. James, é em muito estudada sob aspectos da narrativa erótica, fetichista, e até sadomasoquista, obviamente que no prognóstico de relações românticas, até mesmo pelo aspecto de impacto mercadológico é mais impactante o aspecto erótico da trama, no entanto, a narrativa também apresenta a fantasia da mulher dita como comum ser desejada, mesmo com todos os seus supostos desprestígios e mediocridade, pelo melhor partido possível: — Eu comprarei muitas coisas para você, Anastasia. Se acostume com isto. Eu disponho. Eu sou um homem muito rico. [...] — Faz-me sentir barata, — eu murmuro. (JAMES 2012 p. 218)

Ainda se salienta como já mencionado, que a obra de James não desconstrói o modelo romântico já fundamentado. Toda a força de Christian é contrastada com a fragilidade de Anastasia uma típica mocinha de romance: virginal e inocente, sem grandes poderes econômicos ou uma vida profissional impressionante.

O primeiro escrito, inicia-se com a descrição do reflexo de Anastácia no espelho, e embora todas as características que ela cite possam ser consideradas sob o padrão de beleza hoje tradicional ocidental: “pálida de cabelos castanhos e olhos azuis grandes demais para o rosto que devolve o olhar” (JAMES 2012 p. 7), em um ponto também se descrevendo como “magra demais”, ela se considera pouco atraente.

Descreve-se, portanto a narrativa estereotipada da “mulher desconhecadora de sua beleza”, ingênua em relação aos seus artificieis de sedução, por exemplo, e como eles afetam o herói, de certo modo a personagem Anastasia a imagem do desejável por beleza, descrita como linda, mas não se reconhecendo como exuberante, ela não possui autoconfiança, assim não trazendo ruptura ao estereótipo da já citada donzela que necessita de seu par, o homem forte. (Marques, 2019).

Observa-se que obra “*Fifty Shades*” apresenta o esforço de Grey para fazer com que Anastácia se torne mais atraente, porém, não o faz de forma a trabalhar concepções tocantes a um reforço identitário da protagonista, mas sim os antes presentes que buscavam impressioná-la, agora tornam-se objetos de transformação, ou seja, a protagonista é transformada por meio do capital.

Deveria te dar um pouco de dinheiro pela roupa.

Ele me olha como se estivesse ofendendo-o. Sigo falando.

— Já me deste os livros, que não posso aceitar, é obvio. Mas a roupa... Por favor, me deixe que lhe pague isso, — digo tentando convencê-lo com um sorriso.

— Anastasia, eu posso fazer isso, acredite.

— Não se trata disso. Por que teria que comprar esta roupa?

— Porque posso (JAMES 2012 p. 67)

[...]

Comprei isto para você usar durante o baile gala de sábado. — Ele coloca o braço em volta de mim e estende a mão. Na palma da mão repousa uma pequena caixa vermelha com *Cartier* inscrito na tampa. — Mas você me deixou, então eu nunca tive a oportunidade de dar a você.

Oh!

— Esta é minha segunda chance, — ele murmura, com sua voz forte e alguma emoção sem nome. Ele está nervoso. Timidamente, eu alcanço a caixa e abro. Dentro brilha um par de brincos.

Cada um tem quatro diamantes, um na base, depois uma lacuna, e depois três diamante perfeitamente espaçados, pendurados um após o outro. Eles são lindos, simples e clássicos. O que eu iria escolher para mim, se alguma vez me fosse dada a oportunidade de fazer compras na *Cartier*³⁴. (JAMES 2012 p. 140) [...]

— Aqui, — Christian mantém aberta a pulseira de platina que ele acabou de comprar. É requintada, tão delicadamente trabalhada, a filigrana em forma de pequenas flores abstratas, com pequenos diamantes em seu coração. Prende-a ao redor do meu pulso. É larga e como braçadeira, e esconde as marcas vermelhas. Também custou cerca de trinta mil euros, penso eu, embora eu realmente não pudesse acompanhar a conversa em francês com o assistente de vendas. Nunca usei nada de tão caro.

— Aqui, assim está melhor, — ele murmura.

— Melhor? — Eu sussurro, olhando para os luminosos olhos cinza, consciente de que a magricela assistente de vendas está olhando para nós com um olhar ciumento e de desaprovação.

Você sabe por que, — Christian diz com incerteza.

— Eu não preciso disso. — Agito o meu pulso e a pulseira se move.

Um raio de luz da tarde que entra pela janela da joalheria faz reflexo nos diamantes, formando um brilhante arco-íris e enchendo de cor as paredes da loja.

— Eu preciso, — ele diz com absoluta sinceridade. (JAMES 2012 p. 73)

[...]

Andei para a entrada para encontrá-la.

Você está esplêndida. sussurrei e beijei sua bochecha. Fechando meus olhos, eu saboreei seu cheiro; ela cheirava divinamente. Um vestido, Srta. Steele. Eu aprovo.

— Diamantes em suas orelhas completariam o conjunto; devo comprar um par para ela. (JAMES 2012 p. 295)

³⁴ *Cartier* SA ou Cartier, empresa francesa multinacional que produz objetos de luxo, como relógios e joias.

[...]

— Quero gastar dinheiro com você. Deixa-me comprar roupa. Talvez necessite que me acompanhe em algum ato, e quero que esteja bem-vestida. Tenho certeza que com seu salário, quando encontre um trabalho não poderá pagar a roupa que gostaria que vestisse (JAMES 2012 p. 96).

Por fim, o capitalismo contemporâneo assim como em suas demais fases, objetiva o lucro, porém o objeto mercadológico apresentado ao longo de sua história alterou-se, expandiu-se.

O capitalismo moderno para sua propagação de venda, vende desejos de consumo, assim apresenta-se com aspectos ideológicos, esses que por meio de mídias televisivas, digitais e até literárias regem a compreensão social daquilo que é desejável, e o que é desejável está envolto em consequente poder de capital, em um processo que se retroalimenta.

Na obra “*Fifty Shades*”, Christian exerce o domínio protecional, recorrendo ao seu alto poder financeiro capitalista e Anastácia é concomitante o objeto de desejo por ele a ser “comprado” e por ela mesma um consumidor, um cliente a ser seduzido pelo consumismo.

Portanto na escrita de “*Fifty Shades*” de E. L. James de James, o capitalismo encontra-se em entrelaçado na obra, cita-se que o “cenário narrativo” criado para acomodar Christian Gray e Anastasia Steele é envolto em um ambiente capital, especialmente se apontada a adaptação cinematográfica, essa que utiliza recursos visuais narrativos, agraciando aos olhos do telespectador com belas grandiosas e luxuosas residências, restaurantes entre outros. “*Fifty Shades*” é em sua abrangência uma estimável vitrine à propagação desse modelo de desejo romântico-capitalista contemporâneo.

3.5 O USO DO EROTISMO EM “*FIFTY SHADES OF GREY*”

Embora não seja o objetivo deste texto dissertativo analisar o contexto erótico da obra “*Fifty Shades of Grey*”, deixá-lo omissos seria excluir parte relevante da obra.

Especialistas em literatura, afirmam que a trilogia é superficial, previsível, possuindo personagens inverossímeis e, principalmente, sem esmero em sua escrituração. Então, o que explicaria tamanho frenesi dos leitores? Para Noemi Jaffe, doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e crítica literária do jornal Folha de S. Paulo, o sucesso da saga de E L James se deve justamente à fácil leitura e conteúdo. "Trata-se de uma historinha linear, sequencial, permeada por estereótipos amorosos e clichês dos tempos da fotonovela", declara. Para ela, o enredo com pitadas de sadomasoquismo e erotismo dá o sabor que faltava ao enredo dos tradicionais livrinhos de relacionamentos românticos de bancas de jornais"...

O erotismo da obra é dado por narrativas longas dos atos sexuais, como referenciado abaixo:

Desliza os dedos e me acaricia gentilmente o clitóris, fazendo círculos muito devagar. Sinto sua respiração através do meu rosto, enquanto me mordisca ao longo da minha mandíbula.

— Seu cheiro é divino, — Acaricia-me atrás da orelha com o nariz. Esfrega as mãos contra meu corpo uma e outra vez. Em um instinto reflexo, começo a riscar círculos com os quadris, ao compasso de sua mão, e um prazer enlouquecedor me percorre as veias como se fosse adrenalina.

— Não se mova, — ordena-me em voz baixa, embora imperiosa, e lentamente me introduz o polegar e o gira acariciando as paredes de minha vagina. O efeito é alucinante. Toda minha energia se concentra nessa pequena parte de meu corpo. Gemo.

— Você gosta? — Pergunta-me em voz baixa, passando os dentes pela minha orelha, e começa a mover o polegar lentamente, dentro, fora, dentro, fora... com os dedos ainda riscando círculos.

Fecho os olhos e tento controlar minha respiração, tento absorver as desordenadas e caóticas sensações que seus dedos desatam em mim enquanto o fogo me percorre o corpo. Volto a gemer.

— Está muito úmida e é muito rápida. Muito receptiva. Oh, Anastásia, eu gosto, eu gosto muito, — ele sussurra.

Quero mover as pernas, mas não posso. Tem-me aprisionada e mantém um ritmo constante, lento e tortuoso. É absolutamente maravilhoso. Gemo de novo e de repente, ele se move.

— Abre a boca, — pede-me e introduz o polegar na minha boca.

Pestanejo freneticamente.

— Veja como é o seu gosto, — sussurra-me ao ouvido. — Chupe-me, querida. — Pressiona a língua com o polegar, fecho a boca ao redor de seu dedo e chupo grosseiramente. Sinto o sabor salgado de seu polegar e a acidez ligeiramente metálica do sangue. Porra. Isto é errado, mas é terrivelmente erótico.

— Quero foder sua boca, Anastásia, e logo o farei, — diz-me com voz rouca, selvagem e respiração entrecortada.

Foder a minha boca! Gemo e mordo-o. Dá um grito afogado e me puxa o cabelo com mais força, dolorosamente, então solto o seu dedo.

— Minha menina travessa, — ele sussurra, estica a mão para a mesinha de cabeceira e agarra um pacotinho prateado. — Fique quieta, não se mova, — ordena-me me soltando o cabelo.

Rasga o pacotinho prateado, enquanto eu respiro com dificuldade e sinto o calor percorrendo minhas veias. A espera é excitante. Inclina-se, seu peso volta a cair sobre mim e me agarra pelos cabelos para me imobilizar a cabeça. Não posso me mover. Tem-me sedutoramente presa e está preparado para voltar a me penetrar.

— Desta vez vamos muito devagar, Anastásia, — ele me diz (JAMES 2012 p. 107).

[...]

Deste modo e de forma sintática, não há muito contributo no erotismo de “*Fifty Shades of Grey*” para a sua análise no campo de interferência romântica do capitalismo, tal ato existira na construção de personagens entre outros, como foi verificado anteriormente nesta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na citação Colin Campbell em abertura desta dissertação ³⁵, é apresentada o conceito de preço e mercadoria e seu símbolo cultural, assim também é apresentada a mensagem que se um comprador pode pagar por tal mercadoria, logo esse é uma pessoa relevante e mais estimada.

O capitalismo é o processo econômico de maior abrangência e aceitação dentre diferentes países na contemporaneidade e mesmo entre aqueles que se declaram seus opositores, ainda assim, adotam medidas econômicas enquadradas em tal modelo econômico.

Capitalismo é deter capital, capital esse que advém da venda de produtos por lucro e, se no início do modelo econômico capitalista as mercadorias não eram muito distantes de objetos e serviços, hoje, em moldes atuais, o capitalismo abrange e “vende” tudo aquilo que pode ser comprado, assim a questão: O que pode ser vendido e consequentemente comprado? Obviamente um produto, seria a resposta mais pragmática, no entanto, pergunta-se agora: O que pode ser transformado em produto?

Tudo, ou quase tudo, para não tendenciar ao generalismo. O capitalismo em sua terceira fase, o capitalismo tardio propõe-se a etiquetar produtos até antes inimagináveis como tornassem “produtos”. Produtos imateriais como cultura em toda a sua abrangência, tornou-se objeto ao qual o capitalismo contemporâneo utiliza-se para determinar aquilo que será desejado e consequentemente comprado.

³⁵ “O preço de uma mercadoria é claramente um símbolo cultural de alguma importância e, ao comprá-la e exibi-la conspicuamente, um consumidor transmite uma mensagem àqueles que o rodeiam, uma mensagem que de fato pode equivaler a dizer: ‘vejam como eu sou rico, posso dar-me o luxo deste item muito caro’. Mas produtos e serviços são impregnados de outros significados culturais, notavelmente os relativos às questões de ‘gosto’ e ‘estilo’, e a compra e exibição de um produto ou serviço podem, assim, ter origem em um desejo de transmitir mensagens dessa espécie...” Colin Campbell

Não se trata de um ato maquiavélico, de fato, aquilo que é cultivado por uma nação é fruto de várias tradições entre outros aspectos, de fato é mutável, podendo ser até direcionado.

Também como visto, mesmo que obras literárias representem conceitualmente representações artísticas, estão ainda por conta do mercado editorial sob a sombra do mercado que necessita lucrar para assim conseguir perpetrar suas publicações.

Assim é apresentada ao público obras a serem lidas, como “*Fifty Shades of Grey*”, que por si já é um produto oriundo do capital, e que apresenta ainda em sua narrativa de personagens enquadradas neste agora mundo contemporâneo regido pelo capitalismo, o qual o uma pessoa é atraente e desejável proporcionalmente as suas poses.

Se a obra “*Os Lusíadas*” apresentou uma poesia épica contextualizada historicamente no mundo das navegações, “*Fifty Shades of Grey*” de forma mais natural e até sincera, apresenta o amor e o ser amado aos moldes do desejado na contemporaneidade.

Impressões do autor sobre a obra “*Fifty Shade Of Grey*” e seu legado

Obviamente que realizar projeções futuras a respeito de uma obra e sua consequente relevância é algo obscuro, no entanto, alguns elementos permitem que tal análise seja menos tendenciosa ao erro.

Primeiramente rememorando que o escrito de E L James, nasce como uma obra de literatura da cultura de massa, atingiu expressivo número de vendas alcançando e assim o status de *Best Seller*, obviamente que por nascer em um berço de literatura de cultura de massa, não a torna uma obra inferior, uma vez que grandes cronistas como os brasileiros Nelson Rodrigues e Machado de Assis, tiveram suas estreias como escritores em contos publicados em jornais, ou seja, em esfera popular. Em “*Fifty Shades of Grey*” a narrativa de

linguagem simples, contemporânea, direta, sem grandes recursos estilísticos foram cruciais para o entendimento dos leitores ávidos por leitura de entretenimentos, ainda mais quando a obra despertar da curiosidade de tais leitores com um assunto ainda tão polêmico quando os assuntos de cunho sexual.

É importante lembrar que mesmo que mesmo na atual cultura ocidental, mesmo que tão variada e já distante dos valores morais e religiosos rígidos de outrora, temas sexuais ainda são tabus e ainda estimulam o imaginário popular. Deseja manchar a imagem de um político? Simples, apresente um escândalo sexual em seu passado ou presente, sim, temas sexuais ainda são tabus.

Vale ressaltar que embora a obra possua o seu valor literário momentâneo por explorar um assunto velado, infelizmente não a faz com maestria. Mesmo no aspecto sexual, a saga não apresenta nada de inédito que a atual sociedade ocidental já não conheça e sequer possui ineditismo sobre o conteúdo, uma vez que diversos folhetins não populares já abordaram, e até mesmo os milhares, senão milhões de contos eróticos que habitam o mundo virtual também já não o fizeram, aliais, há alguns anos, a obra também não deixava de ser mais um desses contos eróticos virtuais.

Infelizmente é pouco crível que a obra no aspecto acadêmico seja estudada para muito além do conteúdo erótico, algumas percepções da representação feminina, embora para este autor o estudo de representações femininas não é muito válido na obra, uma vez que como apresentado nesta dissertação, a heroína de *“Fifty Shade Of Grey”* é um estereótipo pouco representativo do feminino ocidental contemporâneo.

É salutar dizer que a retratação social e hábitos das personagens apresentadas em *“Fifty Shade Of Grey”*, pouco representa a grande parcela populacional planetária, desta forma acredito que contribuirá igualmente pouco para o entendimento e compreensão do momento moderno. É justo dizer que para além das obras de cultura de massa,

será analisar o leitor, compreender o porquê esse consumia tal entretenimento escrito. Por fim, distanciando do erotismo, a obra propiciará grande fonte para compreender o mercado capitalista moderno, deste o abarrotamento comercial de literatura de massa, até compreender como tal mercado financeiro pode direcionar o que é compreendido como relações e estilo de vida.

Perspectivas de investigação futuras

Realizar uma dissertação de mestrado é uma atividade complexa, de fato, o autor deve ter consciência que embora seja uma obra que esteja sob sua autoria, ele necessita seguir alguns parâmetros que direcionam e até determinam o produto de final de sua pesquisa. Fatores como determinação de quantitativo de páginas redigidas, citações de determinados autores que o meio acadêmico está mais familiarizado, são alguns exemplos de como a obra pode escapar mesmo que minimamente de sua essência autoral.

Ao debruçar sobre o assunto dissertado: Como o capitalismo afeta as relações românticas, realizar as devidas leituras e vislumbrar o ainda vasto referencial teórico que deve ser estudado para aprofundamento do assunto, é satisfatório afirmar que a temática de Cultura de Consumo já é bastante verificada nos estudos em sociologia, no entanto, carece de uma maior aplicação e consequente atenção dos estudos literários, pois ora, se o mundo real e pessoas reais são impactadas por tal cultura consumista, por que mundos fictícios e personagens não seriam?

REFERÊNCIAS

- ADAM SMITH INSTITUTE. *About Adam Smith*. 2021, <https://www.adamsmith.org/about-adam-smith>.
- ADORNO, T. W. *Indústria Cultural E Sociedade*. 5th ed., Paz e terra, 2009. 112 p. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179826/mod_resource/content/1/IND%C3%A9STRIA%20CULTURAL%20E%20SOCIEDADE.pdf.
- ANDRADE, S. *A lenda de Tristão e Isolda: um périplo para a imortalidade*. 2016. <https://homoliteratus.com/lenda-de-tristao-e-isolda-um-periplo-para-imortalidade/?cn-%20reloaded=1>.
- ARAÚJO, J. C. E. “O estado democrático social de direito em face do princípio da igualdade e as ações afirmativas” *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, 2007, p. 582. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/7579>.
- ARCHELA, D. C. G. “Keynes, Keynesian economics and political economy of power of the postwar world” *Universidade Federal do Paraná*, 2016, p. 253. https://politicaspUBLICAS.weebly.com/uploads/5/3/9/6/5396788/keynes_keynesian_economics_and_the_political_economy_of_power_of_the_postwar_world.pdf.
- AZEVEDO, B. R. Z., et al. “A produção não capitalista: Uma discussão teórica” *Fundação de economia e estatística*, 1985, p. 119. <http://cdn.fee.tcche.br/digitalizacao/teses-fee/producao-nao-capitalista-teses-10/producao-nao-capitalista-teses-10-texto.pdf>.
- BARTHES, R. *A morte do autor*. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 65-70.
- BELL, D. *The Coming of Post-Industrial Society*. Reissue edição, Basic Books, 1976. 616 p.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. 2nd ed., translated by M. L. MACHADO. Companhia das Letras, 1996. 432 p.
- BRAGA, R. *Theodor Adorno, quem foi? Biografia, conceitos principais e obras*. Conhecimento científico, 2020, <https://conhecimentocientifico.com/theodor-adorno-biografia/>.
- CALHOUN, C. J. “Imagining Solidarity: Cosmopolitanism, Constitutional Patriotism, and the Public Sphere” *Imprensa da Universidade de Duke*, vol. 14, no. 1, 2002, pp. 147-171. <https://muse.jhu.edu/article/26267>.
- CAMBRIDGE DICTIONARY. *BDSM*. 2022, <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bdsm>.
- CASTELLS, M. *The Rise of the Network Society: The Information Age: Economy, Society and Culture*. 2nd ed., Wiley-Blackwell, 2000. 594 p.
- CATANI, A. M. *O que é capitalismo*. Brasiliense, 2017. 140 p.
- CHALOUPEK, G., et al. “Werner Sombart’s “late capitalism” and long-term economic

development” *Economy and Society*, vol. 3, no. 22, 1996, pp. 385-400.

CUNHA, M. L. C. “Romantismo: O mito do amor impossível” *XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências*, USP, 2008, p. 6. https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/013/MARIA_CUNHA.pdf.

DESPAIN, H. G. “Maurice Herbert Dobb (1900-1976)” *The Palgrave Companion to Cambridge Economics*, edited by R. A. CORD, 2017th ed., Palgrave Macmillan, 2019, pp. 623-648.

DOWBOR, L. *O que é capital*. Brasiliense, 1983. (Versão atualizada – abril 2003) 41 p. <https://dowbor.org/wp-content/uploads/2020/08/03quecap.pdf>.

DOWLING, C. *Complexo de Cinderela*. 1st ed., translated by A. E. F. MIAZZI. Melhoramentos, 2012. 244 p.

DRAIBE, S. M. “As políticas sociais e o neoliberalismo: Reflexões suscitadas pelas experiências latino-americanas” *Revista Usp*, no. 17, 1993, pp. 86-101. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i17p86-101>.

FARHI, M., et al. “A crise e os desafios para a nova arquitetura financeira internacional” *Brazilian journal of political economy*, vol. 29, 2009, pp. 135-138. <https://www.econbiz.de/Record/a-crise-e-os-desafios-para-a-nova-arquitetura-financeira-internacional-farhi-maryse/10003834767>.

FERREIRA, O. S., and Z. C. M. VICENTE. “Capitalismo financeiro, globalização e transformações do mundo do trabalho” *Revista Pensar Acadêmico*, vol. 14, no. 2, 2016, pp. 137 - 142. <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/22/1490>.

FIKER, F. D. “Do mito original ao mito ideológico: algum percurso” *Trans/Form/Ação*, vol. 7, 1984, pp. 9 - 19. <https://www.scielo.br/j/trans/a/wYDk9yCyf7s9TLm64nHTZ9v/?lang=pt&format=pdf>.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORDHAM, M. S. M.; FORDHAM, F. *Carl Jung*. Encyclopedia Britannica, 22 de julho de 2021, <https://www.britannica.com/biography/Carl-Jung>.

FRANÇA, F. M. “Uma discussão sobre a teoria do valor em Smith, Ricardo e Marx” *Pantheon*, 2012, p. 43. <http://hdl.handle.net/11422/1789>.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. 1st ed., translated by P. C. SOUZA. Penguin, 2011. 96 p.

HEILBRONER, R. L.; BOETTKE, P. J. Economic system. *Enciclopédia britânica*, 2020.

HILFERDING, R. *Finance Capital: A Study of the Latest Phase of Capitalist Development*. Routledge, 1985. 480 p.

GOULEMOT, J. M. *Da Leitura como Produção de Sentidos*. In: Práticas da Leituras. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

IGNATOW, G. "Information capitalism" *The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Globalization*, 2017, p. 9. https://www.researchgate.net/publication/318453799_Information_capitalism.

ILLOUZ, E. *Hard-Core Romance: "Fifty Shades of Grey," Best-Sellers, and Society*. University of Chicago Press, 2014. 97 p.

ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. 1st ed., Zahar, 2011. 1988 p.

JAHAN, S.; MAHMOUD, A. S. Что такое капитализм? (O que é capitalismo?). *Финансы и развитие Июнь* (Finanças e Desenvolvimento), 2015. 45 p. Disponível em: <https://www.imf.org/external/russian/pubs/ft/fandd/2015/06/pdf/basics.pdf>.

JAMES, E. L. *Cinquenta Tons de Cinza*. 1st ed., translated by A. C. SILVA. Intrínseca, 2012. 480 p.

JAMES, E. L. *Cinquenta Tons de Liberdade*. 1st ed., translated by M. C. Dias. Intrínseca, 2012. 544 p.

JAMES, E. L. *Cinquenta Tons Mais Escuros*. 1st ed., Intrínseca, 2012. 512 p.

JOHNSON, R. A. We. *A Chave da Psicologia do Amor*. 2nd ed., Mercuryo Jovem, 2008. 500 p.

KREPS, B. *Paixões eternas, ilusões passageiras: uma análise do mito do amor romântico*. 3rd ed., Saraiva, 1992. 285 p.

LÁZARO, A. *Amor, do Mito ao Mercado*. 1st ed., Vozes, 1996. 230 p.

LINDHOLM, C. "Lovers and leaders: a comparison of social and psychological models of romance and charisma" *Social Science Information*, vol. 27, no. 1, 1988, pp. 3 - 45. <https://doi.org/10.1177/053901888027001001>.

LOURENÇO, J. E. C. "As Agências Reguladoras e sua eficácia normativa: desafios à implantação e ao funcionamento do modelo estado-unidense no direito brasileiro" *Universidade Federal de Pernambuco*, 2003, p. 148. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4428>.

LUSTOZA, R. Z. "O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social" *Ágora (Rio J.)*, vol. 12, no. 1, 2009, pp. 41-52. <https://www.scielo.br/j/agora/a/Bs8QQF7CpWRtNJ36zYrpbKh/?lang=pt#>.

MACHADO, N. M. C. "A "primeira versão" da teoria da crise de Marx: a queda da massa de mais-valia social e o limite interno absoluto do capital" *Estud. Econ.*, vol. 49, no. 1, 2019, pp. 163-203. <https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/130887/151183>.

MARCELINO, G. H. "Marxismo e modernidade em Fredric Jameson" *Universidade de São Paulo*, 2017, p. 2007. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-16032018->

131027/publico/2017_GiovannaHenriqueMarcelino_VCorr.pdf.

MCLEAN, I. *The Concise Oxford Dictionary of Politics*. 3rd ed., edited by A. MCMILLAN, Oxford University Press, 2009. 599 p.

MORAES, R. Q. “A evolução histórica do Estado Liberal ao Estado Democrático de Direito e sua relação com o constitucionalismo dirigente.” *Revista de Informação Legislativa*, no. 204, 2014, pp. 269-285. <https://www.tce.rj.gov.br/bnportal/m/pt-BR/search/45849?exp=%22ESTADO%20SOCIAL%22%2Fassunto>.

NORONHA, H. *Para especialistas, 'Cinquenta Tons' é sucesso pois protagonista personifica sonho feminino*. UOL, São Paulo, 2012, <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2012/11/02/para-especialistas-cinquenta-tons-e-sucesso-pois-protagonista-personifica-sonho-feminino.htm?app=uol-generic&plataforma=ipad&cmpid=copiaecola>

OLIVEIRA, M. A. *Neoliberalismo e o pensamento cristão*. Portuguese Edition, Vozes, 1994. 153 p.

PARAYIL, G. “The Digital Divide and Increasing Returns: Contradictions of Informational Capitalism” *The Information Society*, vol. 21, 2005, pp. 41-51. <https://doi.org/10.1080/01972240590895900>.

PAULA, R. Z. A. *Capitalismo: definições*. São Luís: EDUFMA, 2020. 141 p. http://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2020/06/PAULA-Ricardo-Zimbrão-Affonso-de-Capitalismo-Defini%C3%A7oes-Livro-1.pdf.

PEREIRA, F. *Karl Marx e o direito: Elementos para uma crítica marxista do direito*. LEMARX-UFBA, 2019. 148 p. <http://www.lemarx.faced.ufba.br/arquivo/karl-marx-e-o-direito.pdf>.

PRAK, M. *Early Modern Capitalism: Economic and Social Change in Europe 1400-1800*. 1st ed., Routledge, 2000. 256 p.

PRETTO, Z. O velho atualizado, o novo reinventado: homens, masculinidade tradicional hegemônica e relações amorosas. In: LAGO, M. C. S. et al, (org.). *Gênero e pesquisa em psicologia social*. 1. ed. *Casa do Psicólogo*, 2008. p. 183-195.

REIMÃO, S. *Mercado editorial brasileiro [recurso eletrônico]*. São Paulo: ECA-USP, 2018. 61 p. <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/264/231/1390>.

RICHARDSON, J. L. *Contending Liberalisms in World Politics: Ideology and Power*. 1st ed., Lynne Rienner, 2001. 230 p.

SALLES, A. C. T. C., N. R. A. SANCHES, and R. M. G. ABRAS. *Algumas características dos laços amorosos nos dias atuais*. 40th ed., Estudos de Psicanálise, 2013. pp.15–20.

SANTOS, P. X. “A dimensão política da disseminação da informação através do uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação: uma alternativa à noção de impacto tecnológico” *DataGramaZero*, vol. 5, no. 2, 2004, p. A05.

<https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/5649>.

SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Tokyo*. 2nd ed., Princeton University Press, 2001. 480 p.

SICSÚ, J., and A. CASTELAR. *Sociedade e economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento*. Ipea, 2009. 252 p.
http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3225/1/Livro_SociedadeeEconomia.pdf.

SILVA, A. A. “O capitalismo tardio e sua crise: estudo das interpretações de Ernest Mandel e a de Jürgen Habermas” *Universidade Estadual de Campinas*, 2012, p. 147.
<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279454>.

SILVA, M. A. “O Consenso de Washington e a privatização na educação brasileira” *Linhas Críticas*, vol. 11, no. 21, 2011, p. 255–264. <https://doi.org/10.26512/lc.v11i21.3251>.

SODRÉ, M. *Best-Seller: A Literatura De Mercado*. 2nd ed., Ática, 1988. 80 p.

SOUSA, A. S., G. S. OLIVEIRA, and L. H. ALVES. “A pesquisa bibliográfica: Princípios e fundamentos” *Cadernos da Fucamp*, vol. 20, no. 43, 2021, pp. 64-83.
<https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>.

SOUSA, M. T. C. “Direito e desenvolvimento: uma abordagem a partir das perspectivas de liberdade e capacitação” *Universidade Federal de Santa Catarina*, 2007, p. 296.
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89994>.

SOUZA, T. B. “Amor Romântico” *UniCEUB*, 2007, p. 36.
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1833/2/20366245.pdf>.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. *Max Weber*. 2007.
<https://plato.stanford.edu/entries/weber/>.

TARDIN, M. A., and R. G. ANDRADE. “Leitura psicanalítica da publicidade amorosa” *Revista mal-estar e subjetividade*, vol. 4, no. 2, 2004, pp. 296 - 312.
<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1507>.

THE NOBEL PRIZE. Paul A. Samuelson: *Biográfico*. Divulgação do Prêmio Nobel AB 2021.
<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1970/samuelson/biographical/>.

THOMPSON, J. B. *Mercadores de cultura: O mercado editorial no século XXI*. 1st ed., translated by A. V. ALLEGRO. Editora Unesp, 2013. 480 p.

TORRES, N. S. “Paradigmas de desenvolvimento na era do neoliberalismo inclusivo: As mutações do capitalismo e o papel da crítica” *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 2017, p. 158.
https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPED/Dissertacao/2017/Nat%C3%A1lia%20Sant_Anna%20Torres.pdf.

TRINDADE, J. D. L. “Restauração e Revolução Industrial”: Direitos Humanos em crise. In: PROCURADORIA-GERAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Anotações sobre história social*

dos direitos humanos. 2021.

<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado1.htm>.

WEBER, M. “*Die Protestantische Ethik Und Der Geits des Kapitalismus*”. In: *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*. – Tübingen, 1904/5. Vols.: XX e XXI.

WELLEN, H. “Karl Marx e a economia política: da rejeição moral à assimilação crítica” *Serv. Soc. Soc. São Paulo*, no. 137, 2020, pp. 35-53.
<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/jW3gg8fKBdXN47DggsrKfPt/?lang=pt>.

WENDELL, S. *Beyond Heaving Bosoms: The Smart Bitches' Guide to Romance Novels*. Original edition, Touchstone, 2009. 304 p.

WILLIAMSON, J., and P. P. KUCZYNSKI. *Depois Do Consenso De Washington*. 1st ed., Saraiva, 2003. 320 p.

WOOD, E. M. *The Origin of Capitalism: A Longer View*. Reprint edição, Verso, 2017. 224 p.